

**TEREZINHA BASTOS LUIZE**

**ENTRE O PORTUGUÊS EUROPEU E O  
PORTUGUÊS BRASILEIRO: o falar açoriano de  
Florianópolis**

Dissertação apresentada ao Departamento  
de Pós-Graduação em Letras/Linguística  
como requisito parcial para a obtenção do  
título de Mestre em Linguística.

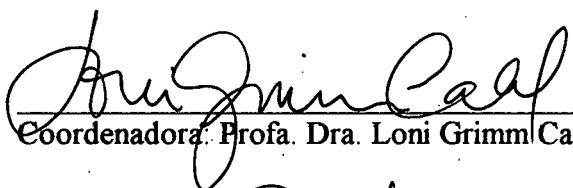
**Orientador: Prof. Dr. CARLOS MIOTO**


**UFSC  
Florianópolis  
1997**

TEREZINHA BASTOS LUIZE

ENTRE O PORTUGUÊS EUROPEU E O PORTUGUÊS BRASILEIRO: o  
falar açoriano de Florianópolis

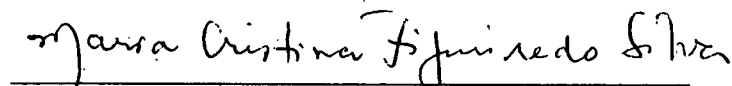
Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do grau de Mestre em Letras/Linguística e aprovada em sua forma final pelo programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina.

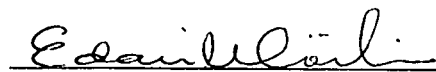
  
Coordenadora: Profa. Dra. Loni Grimm Cabral

  
Orientador: Prof. Dr. Carlos Miotto - UFSC

Banca Examinadora:

  
Profa. Dra. Maria Eugênia L. Duarte - UFRJ

  
Profa. Dra. Maria Cristina Figueiredo Silva - UFSC

  
Suplente: Profa. Dra. Edair Maria Gorski - UFSC

Florianópolis, 11 de julho de 1997.

**À minha mãe, Soely, meu porto  
seguro, tão frágil e ao mesmo tempo  
tão forte, de quem herdei a garra e a  
alegria de viver.**

**À Juliquinha, uma grande mulher,  
meu exemplo de vida. (em memória)  
Ao meu tio Martinez. (em memória)**

“A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros  
Vinha da boca do povo na língua errada do povo  
Língua certa do povo  
Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil  
Ao passo que nós  
O que fazemos  
É macaquear  
A sintaxe lusiada”

(Fragmento da poesia “Evocação do Recife”, de Manuel Bandeira)

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos aqueles que, direta ou indiretamente, colaboraram para a realização desta dissertação, em especial:

Ao Prof. Dr. Carlos Miotto, orientador sábio e paciente, que tornou possível este trabalho;

Ao Prof. Emílio G. Pagotto, meu mestre, por todos os seus preciosos ensinamentos;

Aos membros da banca, pelo atendimento ao convite para avaliar esta dissertação;

Aos integrantes do Projeto VARSUL, em especial ao Prof. Dr. Paulino Vandresen;

Aos informantes, donos da matéria-prima desta pesquisa;

Ao corpo docente do Curso de Pós-Graduação em Letras/Linguística;

Aos funcionários do Curso de Pós-Graduação em Letras/Linguística, especialmente a: Dário João da Cunha, Isabel Cristina Telles, Jean (bolsista) e Suzana Rocha, amiga das horas difíceis;

Aos professores e funcionários do Curso de Graduação em Letras, em especial a: Aldanei Correia, Carlos Duarte, Edir Terezinha Januário, Elizabeth A. Ramos da Silva, Rosilda M. Pereira do Amaral e Valdete Cunha, pelo carinho de todos estes anos;

A todos os meus alunos e colegas da FUCRI/SC e da UNIJUÍ/RS;

À profª Edair M. Görsky, pelas proveitosas discussões sobre Sociolinguística;

Ao Prof. Newton Barbosa, pelos primeiros incentivos. Onde estiver sei que ficará feliz com a realização deste trabalho;

Às Professoras Maria Emília Lueneberg e Lina Leal Sabino, que desde o início me apoiaram nesta caminhada;

Aos meus colegas de mestrado, pelo companheirismo;

Às CAPEs, pela ajuda financeira;

À Profª Marlise Ludivig, amiga incondicional, pela amizade e apoio;

Ao casal Telma e Carlinhos de Aquino, por seus serviços de xerox e, principalmente, pela amizade;

Aos membros da 13ª Cia DAM que gentilmente me auxiliaram em questões de informática;

Ao Prof. Rejane Flores da Costa, pelo incentivo e por todo o imenso carinho,  
À minha mãe, que agüentou firme ao meu lado em todos os momentos.

Muito obrigada.

# SUMÁRIO

Índice de Tabelas e Gráficos.....	i
Resumo.....	iii
Resumé.....	iv
Apresentação.....	1

## Capítulo I - O objeto direto anafórico na pesquisa sociolingüística

0	Introdução.....	5
1	Objetivos.....	14
2	Hipóteses.....	15
3	Metodologia.....	16
3.1	Critérios para a seleção de dados.....	17
3.2	Envelope de Variação.....	20
3.3	Fatores condicionadores.....	22

## Capítulo II - Clítico, pronome tônico e objeto nulo

0	Introdução.....	33
1	O clítico acusativo de 3ª pessoa no PB.....	35
2	Objeto nulo e pronome tônico anafóricos.....	41
2.1	O objeto nulo sob a visão gerativa.....	41
2.2	O estatuto do objeto nulo em algumas línguas.....	42
2.3	O objeto nulo do PB através do tempo.....	45
3	O objeto genérico anafórico.....	49

## Capítulo III - As realizações do objeto direto anafórico de 3ª pessoa

0	Introdução.....	53
1	Pronome clítico acusativo e pronome <i>lhe</i> .....	55
2	Objeto direto anafórico tipo II.....	59
2.1	Natureza semântica do referente.....	60
2.2	Natureza morfológica do verbo.....	61

2.3	Tipo de verbo.....	63
2.4	Estrutura sintática em que a variável se encontra.....	64
2.5	Paralelismo formal.....	67
2.6	Cruzamento entre os dois grupos de fatores mais significativos.....	69
3	Objeto direto anafórico tipo I.....	70
3.1	Natureza semântica do referente.....	70
3.2	Definitude do antecedente.....	72
3.3	Referencialidade do antecedente.....	76
4	Análise dos dados com antecedente [+genérico].....	78
5	Análise dos dados com antecedente [-genérico].....	81
5.1	Natureza morfológica do verbo.....	81
5.2	Tipo de verbo.....	85
5.3	Estrutura sintática em que a variável se encontra.....	88
5.4	Paralelismo formal.....	94
6	Objeto direto anafórico de 3ª pessoa sob o ponto de vista social.....	96
6.1	Escolaridade.....	96
6.2	Sexo.....	97
6.3	Faixa etária.....	98
6.4	Cruzamento dos fatores mais relevantes.....	101
7	Considerações sobre este capítulo.....	103
<b>Conclusão.....</b>		<b>107</b>
<b>Bibliografia.....</b>		<b>111</b>



## ÍNDICE DE TABELAS E GRÁFICOS

Tabela 1. Distribuição dos dados computados segundo a variante usada.....	13
Tabela 2. Total de dados distribuídos conforme as variantes usadas.....	53
Tabela 3. Total de dados incluindo casos de objeto genérico.....	54

### **Análise do objeto direto anafórico tipo II**

Tabela 4. Distribuição dos dados de objeto direto tipo II entre as variantes possíveis..	60
Tabela 5. Distribuição das variantes segundo traço [ $\pm$ animado] do antecedente.....	61
Tabela 6. Distribuição das variantes conforme a morfologia do verbo.....	63
Tabela 7. Distribuição das variantes conforme o tipo de verbo.....	65
Tabela 8. Distribuição das variantes conforme a estrutura sintática da frase.....	66
Tabela 9. Distribuição das variantes quanto ao paralelismo formal.....	68
Tabela 10. Distribuição das variantes segundo estrutura e paralelismo.....	69

### **Análise do objeto direto anafórico tipo I - 1027 dados**

Tabela 11. Distribuição das variantes segundo a natureza semântica do referente.....	71
Tabela 12. Distribuição das variantes conforme a definitude do antecedente.....	73
Tabela 12.1 Redefinição da tabela 12. ....	74
Tabela 13. Distribuição das variantes conforme definitude e animacidade.....	75
Tabela 14. Distribuição das variantes conforme a referencialidade .....	77
Tabela 14.1 Redefinição da tabela 14. ....	78

### **Análise dos dados com antecedente [+genérico] - 170 dados**

Tabela 15. Distribuição dos dados conforme a definitude do antecedente.....	79
Tabela 16. Distribuição das variantes conforme o sexo do informante.....	79
Tabela 17. Distribuição das variantes conforme sexo e definitude.....	80

### **Análise dos dados com antecedente [-genérico] - 857 dados**

Tabela 18. Distribuição das variantes conforme a natureza morfológica do verbo.....	83
Tabela 18.1 Redefinição da tabela 18. ....	84

Tabela 19	Distribuição das variantes conforme o tipo de verbo.....	86
Tabela 20	Distribuição das variantes segundo tipo de verbo e animacidade.....	87
Tabela 21	Distribuição das variantes conforme a estrutura sintática.....	90
Tabela 21.1	Redefinição da tabela 21.....	91
Tabela 22	Distribuição das variantes conforme estrutura e animacidade.....	93
Tabela 23	Distribuição das variantes conforme o paralelismo formal.....	95

### **Análise do objeto direto anafórico de 3ª pessoa sob o ponto de vista social**

Gráfico 1	Uso das variantes de acordo com o nível de escolaridade.....	97
Gráfico 2	Uso das variantes quanto ao sexo.....	98
Gráfico 3	Uso das variantes conforme a faixa etária.....	99
Tabela 24	Distribuição das variantes conforme idade e escolaridade.....	100

### **Análise do cruzamento dos fatores mais relevantes**

Tabela 25	Distribuição das variantes conforme animacidade e escolaridade.....	101
Tabela 26	Distribuição das variantes de acordo com animacidade e idade.....	102

## RESUMO

Este estudo tem como objetivo analisar as variantes do objeto direto anafórico do falar açoriano de Florianópolis. Os dados, para esta pesquisa, foram extraídos de entrevistas coletadas pelo Projeto VARSUL na região urbana desta cidade. Como foi colonizada, essencialmente, por imigrantes vindos do Arquipélago dos Açores e guarda, ainda, muito da influência deste povo também no aspecto lingüístico, levantamos a hipótese de que seus descendentes conservariam o uso das variantes mais próximo do português de Portugal. Para a análise dos dados, seguimos as propostas de Kato e Tarallo (1989) e Tarallo (1987), que unem a Sociolingüística Quantitativa de Labov (1972,82) e a Gramática Gerativa (Chomsky, 1981,82). Os resultados apontam para o desaparecimento do clítico acusativo de 3ª pessoa, seguindo a tendência do PB não influenciado pelo falar açoriano. Constatamos também que, a exemplos dos demais estudos mencionados nesta pesquisa, a substituição do clítico se dá principalmente pelo objeto nulo com traço [-animado] e pelo pronome tônico com traço [+animado].

## RESUME

Cette étude a pour objectif l'analyse des variantes de l'objet direct anaphorique du parler açoréen de Florianópolis. Les données, pour cette recherche, a été extrait d'interviews recueillies par le Projet VARSUL, dans la région urbaine de cette ville. Comme cette ville a été colonisée, essentiellement, par des immigrants venus de l'Archipel des Açores et qu'elle conserve encore beaucoup de traits de ce peuple y compris des aspects linguistiques, nous avons formulé l'hypothèse que leurs descendants conserveraient les variantes les plus proches du portugais du Portugal. Pour l'analyse des données, nous avons suivi les modèles de Kato et Tarallo (1989) et de Tarallo (1987) qui combinent la Sociolinguistique Quantitative de Labov (1972,82) et la Grammaire Générative (Chomsky, 1981,82). Les résultats suggèrent la disparition du pronom complément d'objet direct de 3e. personne, suivant une tendance du portugais du Brésil non influencé par le dialecte açoréen. Nous avons encore constaté que, de même que les exemples des autres études citées dans ce travail, le remplacement du pronom se fait surtout par le complément d'objetsdirect nul avec le trait [-animé] et par le pronom tonique avec le trait [+animé].

## APRESENTAÇÃO

Esta pesquisa tem por finalidade estudar na fala as variantes do objeto direto anafórico, isto é, objeto direto co-referente com SN ou com sentença anteriormente mencionado no discurso e os fatores que condicionam estas variantes. A Gramática Padrão não se manifesta sobre este assunto, o das variantes do objeto direto anafórico. Mas de acordo com o português europeu para a pergunta como (1):<sup>1</sup>

(1) — Você viu a Maria?

somente as respostas em (2) são aceitas:

- (2) a. — Sim, vi-a.  
b. — Sim, vi *a Maria*.

No português brasileiro, pelo menos mais três respostas seriam possíveis, sendo que o uso do objeto nulo (representado por  $\theta$ ) e do pronome tônico predomina em relação aos demais usos.

- (3) a. — Sim, eu vi  $\theta$ .  
b. — Sim, eu vi ela.  
c. — Sim, eu *lhe* vi

O clítico *lhe* é o menos usado, pelo menos nos dois Estados do extremo sul do Brasil - Santa Catarina e Rio Grande do Sul - para representar o objeto direto anafórico. Estas cinco variantes serão observadas, quantificadas e analisadas no decorrer deste trabalho, e também serão denominadas de:

- o pronome clítico acusativo de 3ª pessoa, de clítico somente,
- os SNs lexicais, de SN(s),

<sup>1</sup> Esta apresentação é do tipo da de Duarte (1986).

- o objeto nulo de  $\theta$ , como representado nos exemplos;
- o pronome tônico de pronome somente, e,
- o clítico *lhe* de *lhe*.

A questão do objeto direto anafórico será abordada através da Metodologia Quantitativa de Labov (1972,82) para a coleta, ordenação, quantificação e análise dos dados, tendo a Teoria Gerativa de Chomsky (1981,82 e outros autores e desenvolvimentos) como suporte teórico para a formulação de hipóteses e escolha de fatores lingüísticos condicionadores. Em outras palavras, seguiremos a proposta de Tarallo & Kato (1989) e Tarallo (1987) que une a Sociolingüística de Labov à Teoria Gerativa de Chomsky resultando na Sociolingüística Paramétrica.

Conforme a Teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1986), há princípios lingüísticos que são comuns a todas as línguas existentes. Como exemplo podemos citar o Princípio da Projeção Estendida. Este princípio estabelece que toda sentença obrigatoriamente tem sujeito e mesmo que este não seja foneticamente realizado a sua posição argumental permanece.

Há ainda nas línguas, segundo esta teoria, os parâmetros - propriedades ou conjuntos de propriedades que variam de língua para língua. São características que diferenciam as línguas entre si. Um exemplo é o Parâmetro *pro-drop*, ou melhor, o parâmetro do sujeito nulo, propriedade sintática que distingue o português do inglês e do francês:

- (4) \* Ele chove  
It rains  
Il pleut
- (5) (Eu) amo você  
I love you  
Je t'aime

Como o português é uma língua de sujeito nulo<sup>2</sup> em casos como (4) a presença do sujeito fonético deixa a sentença agramatical. Em (5), o seu preenchimento é facultativo podendo ou não ser foneticamente realizado. No inglês e no francês, línguas de sujeito obrigatório, as sentenças ficariam agramaticais sem o sujeito foneticamente expreso. Veja os exemplos (6) e (7):

(6) Chove

\*Rains

\*Pleut

(7) Amo você

\* Love you

\*T'aime

Continuando nosso trabalho vamos mostrar algumas das características que o português do Brasil apresenta e que foram levantadas por vários estudiosos da área:

- no PB, devido a perdas no paradigma da flexão verbal, a presença do sujeito pronominal foneticamente realizado é cada vez mais freqüente. No PE, isso não acontece, pois os traços específicos de pessoa e número são totalmente recuperados pela flexão verbal rica (Roberts, 1993);
- a perda de várias formas de inversão de verbo-sujeito em sentenças interrogativas e declarativas. Esta ordem está se restringindo somente a sentenças com verbos inacusativos<sup>3</sup> no PB. No PE, há obrigatoriedade de inversão em certas situações (Duarte, 1992) como nas interrogativas;

<sup>2</sup> Uma das características do português é ser uma língua *pro-drop*, apesar de no português falado no Brasil estar acontecendo cada vez mais a realização fonética do sujeito em função do enfraquecimento do

<sup>3</sup> Verbos monoargumentais são aqueles que só têm o argumento interno.

- perda de movimento no processo de relativização, caindo o uso da preposição antes do pronome relativo no PB. No PE, este movimento é preservado e, conseqüentemente, a preposição (Tarallo, 1983);
- a próclise está se generalizando não havendo mais relevância entre as restrições operadas pelas palavras ditas “atratoras” (ver capítulo I), enquanto tais palavras continuam surtindo efeito no PE (Pagotto, 1992),
- indistinção entre a posição de tópico e de sujeito na gramática usada pelos falantes do PB, ao contrário do que acontece com o PE que mantém distintas estas duas posições (Galves, 1993),
- queda, ou melhor, desaparecimento do clítico no português falado. Galves (1984), Duarte (1986), Pagotto (1993), Cyrino (1994).

Esta dissertação se compõe de três capítulos. O primeiro capítulo contém: introdução, justificativa, metodologia, hipóteses, critérios para a seleção de dados, envelope de variação, fatores condicionadores, e exemplos. O segundo capítulo apresenta estudos teóricos de vários autores relativos ao pronome clítico, ao objeto nulo e ao pronome tônico. Além disso, apresenta um estudo descritivo, feito por nós e baseado nos dados do *corpus*, sobre o objeto genérico anafórico<sup>4</sup>. No capítulo III, mostraremos a análise dos casos de clítico e de *Ihe* encontrados no *corpus*, seguido de um estudo das ocorrências de objeto genérico anafórico (ver capítulo II); será apresentado, também, um levantamento das realizações do objeto direto anafórico de 3ª pessoa sob o ponto de vista lingüístico, isto é, os condicionamentos lingüísticos que influenciam no uso de uma ou de outra variante e os condicionamentos extralingüísticos.

<sup>4</sup> Observe abaixo um exemplo de objeto genérico anafórico:

— Não, eu, sinceramente, eu não tenho amiga, amiga. Não *tenho 0*, porque eu não gosto de amiga. Assim de ter uma amiga, entende? (726/7) (1 ocorrência)

Em *tenho amiga*, o objeto parece somente aceitar ser retomado pelo vazio ou pelo próprio SN.



## CAPÍTULO I

### O objeto direto anafórico como objeto de estudo sociolingüístico

#### 0 Introdução

Com o intuito de apresentar um histórico do falar açoriano de Florianópolis apresentamos o trabalho de Furlan (1989).

Algumas regiões do extremo sul do país foram colonizadas por açorianos, principalmente. A área de nosso interesse, cerca de 160 km de extensão, compreende o litoral de Santa Catarina de São Francisco do Sul passando por Florianópolis até chegar à Laguna. Faremos um relato mostrando a trajetória do povo açoriano que migrou para o Brasil.

Por volta de 1434, o Arquipélago dos Açores foi descoberto e povoado essencialmente por portugueses das várias regiões de Portugal, com predominância do Algarve e do Alentejo, e também por mouros, flamengos e negros.

Vários fatores contribuíram para o desencadeamento de um surto migratório que espalhou a população dos Açores pelo mundo. Entre eles podemos citar:

- a hostilidade entre os povos que residiam nas ilhas;
- solo de natureza vulcânica impróprio para a agricultura, o que gerou um *déficit* econômico;
- isolamento das ilhas,
- e sobretudo, domínio de Portugal que centralizava todo o poder.

Assim, desde 1622 (Boléo, 1945) vários grupos isolados migraram para o Brasil e se fixaram em Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Minas Gerais, e outros estados. Conforme Serpa (1978), várias levas de açorianos que chegaram no Brasil do século 17 ao 19 instalaram-se no norte (Pará) e nordeste.

De 1748 a 1756, o império português estimulou a vinda de açorianos para tomarem posse dos extremos norte (Maranhão e Grão Pará) e sul (Santa Catarina e Rio

Grande do Sul), evitando a invasão por parte dos espanhóis e contribuindo para diminuir a super-população do Arquipélago dos Açores.

Os habitantes de Santa Catarina descendem em sua grande maioria de três correntes migratórias: a açoriana, 1748/1756, a alemã e a italiana, que aqui chegaram no final do século passado. Os açorianos ao chegar, num total de 6.071 indivíduos, encontraram 4.197 habitantes descendentes de portugueses espalhados pelos povoamentos mais antigos do litoral catarinense: São Francisco do Sul (1640), Nossa Senhora do Desterro, atualmente Florianópolis (1622, 1675?), e Laguna (1684). O interior do Estado, na época da migração açoriana, era povoado por índios e poucos brancos (mais ou menos 1.000 pessoas) que habitavam pequenos núcleos fundados por paulistas. Estes 6.071 açorianos foram se espalhando pela costa catarinense e formando comunidades predominantemente pesqueiras.

Supõe-se que os imigrantes açorianos eram analfabetos, pois nos Açores as primeiras escolas públicas surgiram somente em 1759, portanto, após a migração de parte de seus habitantes para o Brasil. Por outro lado, na área rural de Santa Catarina, a escola surgiu somente em meados de 1822. Desta forma, podemos supor que o sistema cultural dos açorianos se manteve de certa forma inalterado por um bom tempo.

Outro fator que colaborou para a estabilidade cultural dos açorianos foi a baixa densidade demográfica. Em uma faixa extensa do litoral catarinense, em 1756, a sua população era de aproximadamente 10.258 habitantes que mantinham contato entre si quase que exclusivamente, o que não propiciava inovações. Este fator, aliado ao relativo isolamento em que viviam, os mantiveram à margem de influências lingüísticas e culturais externas, pois até 1950 a comunicação com outros estados brasileiros era feita quase que somente por via marítima. A BR 101 foi asfaltada em 1970, bem como a BR 470. E em 1980, asfaltaram a BR 282. Estas duas últimas rodovias passaram a ligar o litoral catarinense ao interior do estado ultrapassando a barreira da Serra do Mar.

Apesar de todo o isolamento lingüístico vivido por esses falantes poucas pesquisas existem sobre a influência do falar açoriano no de Santa Catarina. Com o intuito de mostrar as idiossincrasias do falar açoriano-catarinense, passamos a arrolar semelhanças lexicais, fonéticas e morfo-sintáticas destes dois falares incluindo os de Portugal encontradas por autores como Boléo e Furlan.

Boléo (1950) aponta semelhanças entre estes dois falares, principalmente, o usado no Rio Vermelho interior da ilha:

- o uso de *todos os dois* por *ambos*;
- o uso de palavras como: *gue(i)xa*<sup>1</sup> e *arcavém*<sup>2</sup>.
- o emprego do pronome oblíquo - *isto é para mim fazer*,
- redução de *-inho* para *-im*, por exemplo: *remuim*, *manim*;
- a realização de /ãw/ como /o/ - *fizeram*, *órgão*;

Boléo (1974) acrescenta características lingüísticas, principalmente de ordem lexical, que encontrou nos Açores e que são raríssimos no Português Continental atual e usuais no falar açoriano-catarinense:

- o uso do verbo *ter* por *existir*;
- o uso de *família* por *filhos*;
- o uso de *papai* e *mamãe* por parte das crianças;
- para expressar aspecto durativo uso do gerúndio precedido de auxiliar *estar* e *ficar* - *estou lendo*, ao invés de *estou a ler*, usual em Portugal;
- o uso de *O Senhor?* por parte de filhos de famílias cultas para responderem aos pais;
- o uso do nome próprio quando a esposa faz referência ao esposo

Furlan aponta influências açorianas no falar de Santa Catarina, pois, devido ao conservadorismo e ao isolamento do Arquipélago dos Açores em relação a Portugal e do litoral catarinense em relação aos outros estados brasileiros, o autor observa que alguns traços característicos do português falado em Portugal parecem continuar no açoriano-

<sup>1</sup> Denominação dada à égua adulta.

<sup>2</sup> Denominação para uma régua de dois ou três dedos de largura que é pregada no assoalho na parte de trás do carro de boi.

catarinense. Apesar de as semelhanças serem no nível fonético/fonológico, os exemplos a seguir corroboram na tese de que o falar de Florianópolis sofreu muito a influência do falar dos Açores:

- Resíduos de apoio paragógico de [e] ou [i] a oxítonos terminados em /w,r,s/ antes de pausa, como em: **dor(e), mar (i), fiel(e)**. A ocorrência deste fenômeno é mais frequente em áreas de assentamento açoriano, e é uma característica encontrada no falar de pessoas de faixa etária alta e menor nível de escolarização. No restante do país, salvo algumas áreas de forte influência do português continental e pouca influência açoriana, a tendência é o apagamento ou ensurdecimento da consoante final favorecendo o destravamento silábico. Este fenômeno é característico do falar popular do português de Portugal, dependendo da região varia a vogal de apoio, incluindo o [a]. No Arquipélago dos Açores este traço é observado em algumas ilhas e somente após consoantes líquidas. É importante salientar que no tempo da imigração deveria haver uma semelhança mais evidente entre os falares dos Açores em relação ao português de Portugal..
- Pronúncia alvéolo-palatal do /s/ em final de sílaba. O /s/ é realizado [ʃ] quando surdo como em **três, diz, peste**, e [ç] quando sonoro, por exemplo: **fisga, vesgo**. Esta pronúncia chiada é também comum nas antigas cidades litorâneas e portos como Rio de Janeiro, Santos, Recife e Fortaleza, além da faixa litorânea de Santa Catarina. Nas demais regiões brasileiras, o /s/ soa sibilante. O falar chiado abrange todos os níveis sociais e constitui um dos traços mais característicos do açoriano catarinense. A fricativa palatal é característica do português continental centro-meridional. Os dialetos setentrionais mantêm o /s/ sibilante. Nos Açores a variante usada é chiada, tal como nos dialetos centro-meridionais de Portugal e no falar açoriano-catarinense.
- Pronúncia velar/uvular da vibrante /r/ tanto entre vogais quanto em início de sílaba, por exemplo: **roda, carro, honra**. Esta realização abrange todos os

níveis sociolingüísticos da grande maioria dos falantes da região que vai de Paulo Lopes à Garopaba até Piçarras, ocorrendo também, mas com bem menor frequência, nas áreas que abrangem as cidades de Barra Velha até São Francisco do Sul, ao norte, e de Tubarão e Gravatal até Imbituba, ao sul. A pronúncia velar/uvular, em Portugal, é usual na área lingüística de Lisboa e Setúbal nas posições inicial ou final de sílaba. Nas demais regiões a pronúncia é apical. Os falares dos Açores apresentam-se mais ou menos como os de Portugal. Há predominância da variante apical, salvo em Faial, onde parece ser a uvular/velar a mais freqüente. Outras ex-colônias portuguesas como Angola e Moçambique e o crioulo de Cabo Verde apresentam o /r/ velarizado. Os outros quatro traços característicos do açoriano-catarinense podem ser explicados como “evolução natural e independente”.

- Absorção de iode pelo /s/ palatalizado que o segue, como por exemplo em: **dois, mais, seis, jornais, anzóis, corações**. Este fenômeno foi registrado em pouquíssimas áreas lingüísticas do PE. Parece ser indício de que não foi introduzido aqui pelos imigrantes açorianos, e sim “evolução natural” resultante do /s/ africado em final de sílaba. Também não pode ser atribuído a um intercâmbio de falares com outros estados brasileiros, pois, ao contrário do que acontece no falar açoriano-catarinense, não há apagamento de iode ante /s/. Além do mais, há um acréscimo de iode entre vogal e /s/, como por exemplo no Rio de Janeiro que ocorre o fenômeno da ditongação da vogal tônica que antecede o /s/ travante.
- O fonema /t/ é palatalizado entre iode e vogal recuada átona, como em: **oito** [‘ojtju] ou [ojtsu]. Este fenômeno, no açoriano-catarinense, está limitado à plosiva surda /t/ quando antecédida de vogal tônica + iode e seguida de vogal recuada. Pode realizar-se tanto pela aficação oclusiva - **peito** [peitsu], como pela palatalização [pejtju]. O /t/ com as demais vizinhanças fônicas não sofre nenhuma alteração, como por exemplo em: **dente, leite, dia, tio**, ao contrário de outras regiões brasileiras em que o /t/ e o /d/ diante de /i/ tem realização africana. Na Bahia e Minas Gerais foi constatado monotongação da vogal

tônica + iode precedente ao /t/, por exemplo:  **muito** [‘mutsu],  **oito** [‘otsu], o mesmo ocorre no falar açoriano-catarinense. A africção do /t/ parece não ter sido encontrada no português de Portugal e nos Açores, somente quando em contato com o /i/ oral ou nasal. Com base nisso, conclui-se que este fenômeno não foi introduzido pelos açorianos, tratando-se, então, de uma “evolução natural e independente.”

- Ênfase da tônica em prejuízo das átonas, como em  **tudo** [tudu], com rapidez de ritmo. O ritmo do PB, em geral, é considerado lento em relação do Português Continental, talvez pela tendência consonantal da pronúncia européia e a vocálica da brasileira. Levando-se em conta que este ritmo foi observado no açoriano-catarinense, não está descartada a hipótese de ter sido mesmo influenciado pelo falar dos imigrantes açorianos, uma vez que o ritmo dos falares dos Açores atuais não foi ainda especificamente estudado.

Quanto ao léxico, Furlan aponta os açorianismos  **gue(i)xa** e  **chimarrita** e a origem de  **bernunça**.  **Chamarrita** é a denominação de uma dança de roda portuguesa da Madeira e dos Açores, desconhecida no continente. No sul do Brasil é conhecida por  **chimarrita**.

- **Gue(i)xa** denominação dada à potranca (égua adulta), termo mais difundido no Rio Grande do Sul, mas também estende-se a amplas áreas de Santa Catarina. Este termo é usado em todas as ilhas dos Açores e designa novilho, bezerro. É usado no masculino e no feminino, ao contrário do que acontece no PB, que só o emprega no feminino.
- **Bernúncia** ou  **bernu(n)ça** designa bicho-papão, personagem do folclore da cultura luso-açoriana de Santa Catarina - o boi-de-mamão. Este termo deriva do latim  **abrenúntias** ‘renúncias’. Equivalente a interjeições de esconjuro - “Deus me livre” ou “renuncio”. É usada, ainda, nas áreas rurais de Portugal, dos Açores e das ex-colônias portuguesas.

Além do trabalho de Furlan, que privilegia o estudo fonético/fonológico do falar açoriano de Florianópolis, contamos com vários outros trabalhos nesta área, principalmente dissertações de mestrado defendidas na UFSC, entre elas podemos citar: Lima (1991), o autor faz uma análise acústica das vogais orais do português de Florianópolis; Brescancini (1996) estuda a palatalização da fricativa alveolar não-morfêmica em posição de coda no português falado em três regiões de influência açoriana de Florianópolis: centro da ilha, Freguesia do Ribeirão da Ilha e Sertão do Ribeirão da Ilha.

Temos, também, influência a nível morfo-sintático: o uso de 2ª pessoa do singular - *tu* - com sua respectiva flexão verbal para tratamento familiar com resíduos de 2ª pessoa do plural - *vós* respeitoso - por parte de falantes idosos e residentes em zonas rurais. No português continental, o *tutoiement*<sup>3</sup> é restrito ao âmbito familiar ou entre amigos muito próximos. O *vouvoiement*<sup>4</sup> está cada vez mais se difundindo, muito embora em algumas regiões este tipo de tratamento seja considerado depreciativo. A forma mais antiga *vossemecê* ainda é utilizada embora por poucos falantes.

No português brasileiro, o emprego de *tu* é usual nos dois estados do extremo sul do país e algumas áreas da região norte. Nas demais regiões, o *tu* foi substituído por *você*. O tratamento *tu* é, no falar açoriano-catarinense, o mais comum entre os membros familiares e amigos. O que caracteriza mais ainda esta forma de tratamento é a flexão verbal correspondente. Isto não é tão freqüente nos falares do Rio Grande do Sul, onde o *tu* é, na maioria das vezes, acompanhado por verbo na 3ª pessoa do singular. Este fenômeno também ocorre nos falares dos descendentes de alemães e de italianos, tanto do Rio Grande do Sul quanto de Santa Catarina. O uso de *você* para tratamento atesta que o falante não é de descendência açoriana.

Outro material bibliográfico é uma dissertação de mestrado (Ramos: 1989) que se propõe a apresentar as formas de tratamento referentes à 2ª pessoa do singular usadas pelos florianopolitanos. A autora obtém os seguintes resultados de um total de 4.270 ocorrências:

---

<sup>3</sup> Uso de *tu*.

<sup>4</sup> Uso de *você*.

- em 40% dos casos é omitida a forma de tratamento - **grau zero de tratamento**,
- em 31% aparece *você*; 20% favorecem o uso do *tu*, e 9% o *senhor*.

Ramos observa que o pronome *tu* apresenta variações, aparece com flexão verbal correspondente ou com a flexão verbal de 3ª pessoa do singular, e na grande maioria das ocorrências aparece somente a flexão verbal (grau zero de tratamento).

A autora chega à conclusão de que, se por um lado o turismo, a TV e outros meios de comunicação incentivam o uso de *você*, a permanência de famílias descendentes de colonizadores imigrantes, na ilha, encoraja o uso do *tu*.

Temos, ainda, outros trabalhos sobre a sintaxe do falar açoriano de Florianópolis, entre eles o de Naumann (1996) que trata das construções bitransitivas em português, e o de Dias (1996) que trabalha com a concordância de número nos predicativos e nos participios passivos na fala da região sul, incluindo o falar de Florianópolis.

Pela influência açoriana direta, pelo isolamento sofrido ao longo dos séculos e pelo conservadorismo existentes no falar florianopolitano podemos levantar a hipótese de que este falar de alguma maneira se encontra em um grau intermediário de mudança entre o PE e o português falado no restante do Brasil. Uma das formas de confirmar esta hipótese é comparar o falar de Florianópolis com os falares de São Paulo e do Rio de Janeiro.

Dentre as características do PB escolhemos o objeto direto anafórico de 3ª pessoa e suas diversas realizações como objeto específico de estudo. Observemos os exemplos retirados do *corpus*:

- (1) Inclusive eu gosto de fazer muitos pratos variados. Apesar que eu não gosto de *comê-los*. (929/11) (1 ocorrência de pronome clítico)
- (2) O General Rosinha, por exemplo, tem uma passagem muito interessante [na]- no basquete- Eu era juiz de basquete e [o]- não tinha ninguém pra apitar a partida, ... Então [ninguém queria]- ninguém *queria* [perder]- [{aperd-}]- *apitar a partida*, aí o Presidente: ... (288/13) (1 ocorrência de SN pleno)



- (3) Aí me levaram pra conhecer a família... mas eu nunca consegui *chamar ela* assim de mãe. Quando eu tinha que fazer alguma coisa com ela, *chamava ela* de 'ei'. (195/3) (2 ocorrências de pronome tônico)
- (4) Na medida do possível, sempre dando a força pra ele. Mas no momento que ele não quiser estudar, aí eu não *posso forçar 0* também, né? (645/10) (1 ocorrência de objeto nulo)

Tentaremos, na medida do possível, fazer um paralelo entre trabalhos como de Duarte (1986), que controla o uso das variantes do objeto direto anafórico em São Paulo. Duarte chega aos seguintes resultados:

(5)

variante	ocorrências	%
clítico	97	4,9
pronome lexical <sup>5</sup>	304	15,4
objeto nulo	1.235	62,6
SNs anafóricos	338	17,1
<b>TOTAL</b>	<b>1.974</b>	<b>100,0</b>

Tabela 1.

Distribuição dos dados computados segundo a variante usada. (Duarte, 1986:17)

Tendo em vista condicionamentos tanto lingüísticos quanto extra-lingüísticos, podemos resumir os resultados de Duarte:

- o clítico acusativo é a forma menos usada, ocorrendo apenas em estruturas simples (SVO) com tempo também simples. É considerado pedante e fica restrito à escrita;
- o pronome lexical ocorre mais em estruturas complexas tendo principalmente antecedente com traço [+animado]. É mais usado por jovens;

<sup>5</sup> Denominação da autora para o *ele*.

- o objeto nulo tem seu uso privilegiado quando seu antecedente apresenta o traço [-animado]. Antes usado, quase que exclusivamente na fala informal, toma cada vez mais espaço introduzindo-se também na escrita.

Segundo esta pesquisa e outras desenvolvidas em São Paulo e no Rio de Janeiro, verificamos o crescente uso das variantes não padrão do objeto direto anafórico - pronome tônico e objeto nulo - com o favorecimento do uso do objeto nulo por parte de falantes mais escolarizados. O uso do clítico acusativo está agonizando, restrito apenas a falantes de faixa etária e nível escolar elevados e a situações formais de fala. (Duarte, 1986)

Além do estudo das variantes do objeto anafórico de 3ª pessoa, este trabalho se propõe a fazer um levantamento e análise dos dados cujo objeto anafórico é genérico, isto é, o seu antecedente é [+genérico]. A análise deste tipo de objeto distingue este trabalho das demais pesquisas sociolingüísticas realizadas em outros Estados do país.

## 1 OBJETIVOS

Como objetivo geral, nos propomos a fazer uma pesquisa sociolingüística descritiva e quantitativa apresentando um retrato, o mais fiel possível, da realidade das variantes do objeto direto anafórico de 3ª pessoa. E os condicionamentos lingüísticos e sociais que atuam em suas diversas realizações no falar urbano de Florianópolis.

Tencionamos ainda dar uma visão geral, através de um estudo teórico, dos casos de objetos nulos (ver capítulo II) analisados.

Quanto aos objetivos específicos, observaremos os fatores que condicionam as variáveis dependentes:

- condicionamentos de natureza morfológica;
- condicionamentos de natureza sintática;
- condicionamentos de natureza semântica;
- condicionamentos de natureza social.

Estes grupos de fatores condicionadores serão estudados no capítulo III.

## 2 HIPÓTESES

A hipótese principal que nos levou à realização deste trabalho é que o PB falado em Florianópolis, por ter tido influência açoriana direta e por ter ficado isolado por muito tempo devido à falta de rodovias interestaduais, deve servir de intermediário entre o português falado no restante do país e o falado na Europa. Ressaltamos, porém, que nosso *corpus* está restrito ao falar urbano de Florianópolis, que por ser uma capital turística recebe muita influência de fora.

Como sub-hipóteses temos:

- verbos no infinitivo e locuções infinitivas favorecem o uso de clíticos;
- o uso de clítico é maior em estruturas simples (SVO);
- o uso do clítico está condicionado a fatores sociais, quanto mais alto o nível escolar e a faixa etária maior será sua incidência.
- o uso de clítico e de pronome tônico está condicionado ao traço [+animado] de seu antecedente, enquanto que o objeto nulo e SNs anafóricos estão ligados ao traço [-animado];
- há uma maior ocorrência do pronome tônico com tempos simples, imperativo e com locuções infinitivas e gerundivas;
- há maior incidência de uso de pronome tônico em estruturas complexas<sup>6</sup>;
- o pronome tônico é mais usado por informantes jovens e por aqueles que tenham nível escolar primário;
- há predominância de objeto nulo nas construções com gerúndio;
- o objeto nulo é a estratégia preferida por informantes de nível escolar mais alto;
- os SNs anafóricos e o objeto nulo são usados em todos os tipos de estruturas;

---

<sup>6</sup> Estruturas em que o objeto exerce também a função de sujeito da oração subordinada.

- estruturas simples propiciam o uso de todas as variantes;
- a fala feminina é mais conservadora do que a masculina pelo menos em faixa etária mais avançada;

### 3 METODOLOGIA

#### DADOS

Os dados<sup>7</sup> utilizados neste trabalho foram extraídos do *corpus* do PROJETO VARSUL - “Variação Lingüística Urbana da Região Sul”. Este material, por sua vez, foi coletado na área urbana da cidade de Florianópolis, onde há uma significativa influência açoriana.

O *corpus* se compõe de entrevistas com informantes de origem açoriana que tenham nascido ou que morem em Florianópolis desde os cinco anos de idade e que não tenham se afastado dela por mais de um ano. Os pais dos informantes devem apresentar os mesmos pré-requisitos.

Foram levados em conta os seguintes fatores sociais para a seleção dos informantes:

- IDADE  
de 25 a 49 anos  
mais de 50 anos
- SEXO  
masculino

<sup>7</sup> Mantivemos a mesma pontuação usada nos relatórios do Projeto VARSUL, salvo alguns itens como a numeração utilizada em situações de fala simultânea do entrevistador e do entrevistado, por exemplo: [INão, não!]. Assim, temos a seguinte configuração:

{“.....”} - palavra suposta ou adivinhável;  
..... - o entrevistado interrompe a sua fala, podendo ou não começar nova sentença;  
[ ..... ] - falas simultâneas;  
[.....] - repetição da mesma palavra ou expressão, ou autocorreção;  
{inint} - ininteligível,  
{hes} - hesitação.

feminino

- NÍVEL DE ESCOLARIDADE

primário (4ª série do 1º Grau)

ginasial (1º Grau completo)

colegial (2º Grau completo)

O *corpus* constitui-se de 24 entrevistas de mais ou menos 60 minutos de duração cada. Estas 24 entrevistas encontram-se divididas, homogeneamente, entre os fatores sociais relacionados acima. Para o processamento dos dados foi usada uma metodologia de quantificação laboviana através de versões mais recentes do programa VARBRUL.

Quanto à análise de dados, os resultados foram obtidos seguindo uma perspectiva que une duas teorias conforme proposto no início desta dissertação - a Sociolinguística (Labov, 1972,82) e a Gramática Gerativa (Chomsky, 1981,82), segundo as propostas de Kato e Tarallo (1989) e Tarallo (1987). Desta última, aproveitamos a categorização, a descrição e a explicação dos fenômenos. A primeira contribui para a análise dos dados e para a observação das diferenças e mudanças em foco.

### 3.1 CRITÉRIOS PARA A SELEÇÃO DE DADOS

Foram selecionados para este trabalho ocorrências de objeto direto co-referente com um SN ou sentença mencionados anteriormente no discurso, como em (6) e (7):

- (6) — A Ana Paula tem muito problema {"de"} matemática. Terrível, não dividir. Eu *vou ensiná-la*. (461/11)
- (7) — ... a gente tem um passarinho e uma gaiola. O chama, que a gente diz que chama, né? E arma o alçapão, *pendura ele* na árvore. Então ele começa a chamar, e os outros vêm, vêm a comida dentro do alçapão, e onde é que ele caía no alçapão, a gente *ia pegando 0*. (255/10)

Dados repetidos com a mesma estrutura foram considerados uma só ocorrência, conforme exemplo (8):

- (8) — [Gostava] ler gibi, ih! *Adorava 0*, passava. Isso aí era uma- Adorava, adorava, adorava, adorava- Não gostava muito de livro de história infantil sempre achava muito tolo, mas [gostava]- de ler gibi. Eu *adorava 0*. Tinha um monte, vivia lendo isso. (148/1)

Não foram considerados dados como:

- verbos com várias regências - olhar, cuidar, etc..., pois certos verbos aceitam tanto objeto direto quanto indireto, desta forma, seria possível prevermos a escolha, por parte do falante, nos casos em que o objeto fosse inaudível.
- (9) — Adoro ver aqueles camisões bem compridos. Ah, chego a parar, assim, *olhar 0*, prestar atenção. (921/07)
- repetição da mesma estrutura usada pelo entrevistador, se acaso considerássemos dados deste tipo estaríamos incorrendo no erro de analisarmos dados influenciados pelo entrevistador. Confira o exemplo:
- (10) E:— O senhor tem aqui, por exemplo, amigos que são amigos de infância?  
I: — Ah, *tenho 0* bastante, sim. (216/05)
- verbos considerados transitivos indiretos usados como transitivos diretos. É comum transitivisarmos verbos que licenciam complemento indireto na fala coloquial nestes casos não poderíamos prever a escolha do informante.
- (11) — Eu estava assistindo, semana passada, aquele Canal Livre. Não sei se tu chegaste a *assistir 0* ou escutaste, no caso, sobre como, [não sei se]- tem a

sociedade de Corno, não sei se tu já escutaste. Não sei se chegaste a *assistir 0*. (1380/19)

- frases interrompidas - existe problema com a gravação, ou o entrevistado muda de assunto após pronunciar o verbo, veja exemplos (12) e (13):

(12) — Que hoje em dia uma criança pra atravessar a estrada, hoje é um sufoco, né? É terrível. A pessoa tem que cuidar. Uma pessoa de mais idade, sessenta, setenta anos, pra *atravessar* - Eu ainda falei com uma senhora, que nasceu aqui também, ...(80/04)

(13) — Depois aí que eu fiquei grande, aí eu {fu-} morava com a minha mãe, daí a minha mãe, eu já tinha ali uns seis anos, aí a minha mãe {"passou"} sofrer da tireóide. Aí ela [foi]- voltou pro Hospital de Caridade e *operaram* {inint} (20/07)

- estruturas com antecedente indefinido que pode ser retomado por numeral, o exemplo abaixo não faz parte do *corpus*.

(14) — Maria comprou um apartamento naquele prédio?  
— Sim, ela *comprou um*.

- estruturas com objeto direto topicalizado, o exemplo abaixo não faz parte do *corpus*.

(15) **Aquele banco** assaltaram **ele** na semana passada.

- estruturas com oração relativa, o exemplo abaixo não faz parte do *corpus*.

(16) Aquele menino *que eu vi ele* outro dia.

- estruturas com antecedente retomado por pronome indefinido:

(17) “Olha, (te-) quatro folhas de papel almaço [pra]- pra ti decorares pra trabalhar no]- no teatro.” Passei a mão no artigo- Não sei. Aí fiquei pensando. Pensar não! Prefiro me entregar. Não quero (inint). Como eu *vou decorar tudo isso?* (639/05)

- estruturas com elipse de VP como a (18), em que todo o predicado está elíptico. No capítulo II, apresentaremos elipse de VP do tipo: *Maria tem dinheiro, eu não tenho*. O exemplo abaixo não faz parte do *corpus*:

(18) Maria pode fazer ginástica na academia, mas eu não *posso*  $\theta$ .

### 3.2 ENVELOPE DE VARIAÇÃO

As ocorrências de retomadas de algo como objeto direto foram selecionadas conforme suas variantes:

- clítico acusativo de 3ª pessoa:

(19) — [É]- é pensão do INPS. Ele inclusive não tinha aposentadoria. Eu que procurei o INPS [na]- quando ele estava doente pra ver se a gente *conseguia aposentá-lo*, né? (248/11) (1 ocorrência)

(20) — E teve a minha filha de dezoito anos que faleceu. Uma [morte]- morte trágica, né? porque ela se matou. ... Ela deu um tiro no coração por causa do namorado. O rapaz que ela amou desesperadamente, porque ele também *a amava* muito. (141/11) (1 ocorrência)



- objeto nulo:

(21) — [ Eles moravam lá tudo em Criciúma] Eles também [não]- não ligam muito, né? Eu também não *posso procurar 0* porque tudo depende de ônibus...(423/03) (1 ocorrência)

(22) — Na última casa, onde ele ia, aí ele dormia. Mas dormir não podia, as prendas {hes} ganhadas, aquilo tudo, a gente levava pra igreja. Aí *vendia 0* e trazia o dinheiro pra igreja. (115/08) (1 ocorrência)

- pronome tônico:

(23) — ... *deixo ele* na escola e venho pro serviço. Onze e meia *vou buscar ele* na escola. *Pego ele* da escola, vou pra casa e almoço. (1039/10) (3 ocorrências)

(24) — A minha filha fica em casa... porque o meu filho mora no mesmo quintal, sabe? [A casa quase]- que a distância é pouca, então, antes de eu sair, eu *deixo ela* tirada da cama, *tiro ela* da cama, preparo o café, *preparo ela*, ela fica tomando o café, ... (1164/07) (3 ocorrências)

- SNs:

(25) — Eu conheço uma família que o pai, barbaridade! Inclusive a menina trabalha, com grau de estudo elevado, faz universidade e tudo, e ela não mora com os pais porque o pai simplesmente achou que a *guria* estava transando e *chamou a guria* de vagabunda, aquilo tudo lá, e *botou a guria* pra rua. (253/16) (2 ocorrências)

(26) — ... o Presidente tinha uma bala só e tinha que dar o tiro certo. Eu acho que ele *deu o tiro* certo. (658/21) (1 ocorrência)

- clítico *lhe*:

- (27) —“Olha, tem uma equipe em São Paulo, lá, do professor Odair Pedroso, se for necessário nós *podemos lhe mandar* pra São Paulo fazer o curso.  
(267/21) (1 ocorrência)
- (28) — Eu acho que não é o você conservar e dar o afeto que *venha lhe prejudicar*. (598/02) (1 ocorrência)

### 3.3 FATORES CONDICIONADORES

A escolha dos fatores que condicionam as realizações do objeto direto anafórico foi feita levando-se em consideração as hipóteses levantadas no início deste trabalho. Outros fatores foram acrescentados, no decorrer da quantificação, à medida que eram necessários. Os fatores são apresentados a seguir:

#### 1. Variável dependente

- c . pronome clítico
- 0 . objeto nulo
- p . pronomeônico
- s . SNs anafóricos
- l . clítico *lhe*

#### 2. Natureza do referente quanto à animacidade

- d . [-animado]
- a . [+animado]

#### 3. Definitude do antecedente

- c . sem artigo
- i . demonstrativo neutro isso/aquilo

- s . sentença
- b . ambíguo
- d . [+definido]
- u . [-definido]

#### **4. Referencialidade**

- t . [-genérico]
- g . [+genérico]
- f . sem referente
- x . referencialidade construída no discurso

#### **5. Forma verbal**

- s . tempo simples
- y . imperativo
- i . infinitivo
- r . locução verbal com infinitivo
- g . gerúndio
- n . locução verbal com gerúndio
- c . tempo composto

#### **6. Tipo de verbo**

- t . transitivo
- c . bitransitivo circunstancial<sup>8</sup>
- b . bitransitivo

#### **7 Estrutura sintática em que a variável se encontra**

- s . estrutura simples
- i . estrutura com SC<sup>9</sup> com infinitivo

---

<sup>8</sup> Verbo que licencia um complemento circunstancial além de um objeto direto.

- p . estrutura com SC com preposição
- a . estrutura com SC com adjetivo
- g . estrutura com SC com gerúndio
- n . estrutura com SC com SN
- e . estrutura com complemento indireto elidido
- c . estrutura com verbo causativo
- o . estrutura em que o complemento indireto é uma sentença

## 8. Paralelismo formal

- 1 . ocorrência isolada da variável
- 2 . variante precedia de mesma variante
- 3 . variante precedida de variante diferente

## 9. Escolaridade

- p . primária
- g . ginásial
- c . colegial

## 10. Sexo

- m . masculino
- f . feminino

## 11. Idade

- a . 25 a 49 anos
- b . mais de 50 anos

Os exemplos extraídos do *corpus* serão apresentados abaixo, conforme a sequência das variáveis acima:

---

<sup>9</sup> SC são as iniciais de small clause. Estas estruturas têm sido chamadas de pequenas orações ou mini-orações. Classificamos como SC as estruturas que apresentam uma pequena oração propriamente dita como em *acho ele bonito*, ou um modelo de mini-oração do tipo *vi ele comendo a maçã*.

## 1 . Natureza semântica do referente

- [-animado]

- (29) — “Não, mas agora temos uma carta aqui e *vamos ler esta carta*.” Aí ele *nos deu a carta* pra todos nós *lermos* *0* e aí -ruído- desmentimos o camarada, né? (553/12) (3 ocorrências)

- [+animado]

- (30) — Aí ele disse que tudo que eu precisasse, financeiramente, eu *podia procurar ele*, né? (146/20) (1 ocorrências)

## 2 . Definitude do antecedente

- sem artigo (O antecedente não possui determinante.)

- (31) — Só emblema que eles me deram. Aí, eu já *pus* *0*, porque combinava com a cor, eu *coloquei* *0*, né? (588/19) (2 ocorrências)

- demonstrativo - isso/aquilo (O antecedente pode ser retomado por um demonstrativo invariável: isto, isso ou aquilo.)

- (32) — Não avó, [mas é]- isso aí é coisa que minha mãe mandou perguntar se tu não *ligas de pagar* *0* pra mim. (885/7) (1 ocorrência)

- sentença (O objeto direto anafórico retoma uma sentença.)

- (33) — ...quem era pobre, era pobre. Vivía como pobre, se conformava com aquilo que tinha, não tinha ambição, né? porque sabia que [a gente não

podia]- certas coisas não se podia ter, naquela época, né? mas eu acho que o povo era mais feliz. É eu *acho* 0 . (700/15) (1 ocorrência)

- **ambíguo** (O antecedente é ambíguo, isto é, a sentença apresenta mais de um antecedente.)

(34) E: — E alguém te ajuda no trabalho doméstico?

I: — Olha, infelizmente, [ não ]

E: — [ Não ] Nem as filhas nem o maridão?

I: — [ Não ] Só tem uma faxineira, né? Se elas *escutarem isso*, ficarão apavoradas, porque lá uma vez ou outra, uma lava a louça, lá uma vez outra, ... (886/11) (1 ocorrência)

- **[+definido]**

(35) — Eu, sozinho dentro do barco. Aí *consegui*, então, *trazer o barco* e [botei na]- *encostei* 0 e tal, e eles aí saíram e tal. (124/13) (2 ocorrências)

- **[-definido]**

(36) — “[É da]- é a polícia.” nós, então, saímos correndo, atravessamos uma cerca de um metro e meio, mais ou menos, [por {ca-}]- todo mundo *pulou [a]- a cerca* de um metro e meio de arame farpado, e fomos sair lá na Praia de Fora. (17/13) (1 ocorrência)

### 3 . Referencialidade

- **[-genérico]**

(37) — E também o curso de Educação Física, que eu tirei em mil novecentos quarenta e oito, a última turma que foi formada no Estado, que é um

regime de três meses. *Tirei esse curso* também, ali também fiz grandes amizades com os professores- (68/13) (1 ocorrência)

- **[+genérico]**

(38) I: — Então a mamãe cozinhava, a mamãe cozinhava muito bem, então [ela]- os parentes deixaram de fazer as comidas em casa, e ...

E:—Compravam dela.

I: — *Compravam a comida.* (586/13) (1 ocorrência)

- **sem referente** (Há ambigüidade na definição do antecedente.)

(39) — ... eu tenho capacidade sou um cara bem vivido, sou um cara esperto, sei aquilo que eu tenho que fazer, *faço 0*, pratico como tem que ser, *pratico 0*. (1314/2) (2 ocorrências)

- **com referencialidade construída no discurso**

(40) — Comparação, se a minha filha ficasse grávida, não casasse, se ela quisesse optar por querer tirar o filho, eu jamais ia querer, eu ia querer o meu neto. Mas uma coisa que ela não quisesse mesmo, que ela própria rejeitasse a criança, eu faria isso aí, eu levava ela lá e tirava o neném e pronto. ... Agora, antigamente, os pais não *admitiam isso* aí. (239/16) (1 ocorrência)

#### 4 . Morfologia verbal

- **tempo simples**

(41) — Agora, não é porque o teu filho pega uma boneca que ele vai dar travesti. Não é não. É do modo que tu *crias o teu filho* também. (1324/16) (1 ocorrência)

- **imperativo**

- (42) — Agora isso aí, da mãe criar o filho, depende da cabeça da criança, também. Porque [ele]- se ele já nasce com aquele jeito, assim uma cabeça mas {hes}, como é que se diz ali? formada, agora aquele que já vem assim: “Ah, mamãe, não sei o quê, não sei o quê”- E está acontecendo isso no lado da minha casa. E eu chamei a atenção da mãe da criança. Não *cria o teu filho* assim! (1303/16) (1 ocorrência)

- **infinitivo**

- (43) — E ali tinha também, ali onde construíram o Palácio do Governo, né? aquilo ali pra mim não devia ter, deviam de ter feito ali um orfanato, né? pra botar essas meninas, né? [ou então]- ou então eles tivessem construído ali uma fábrica, uma qualquer coisa pra *empregar 0*, né? (250/15) (1 ocorrência)

- **locução verbal com infinitivo**

- (44) — Aqui mesmo essas crianças que já vivem aí na rua, que vivem roubando, às vezes já de pequeno, tudo. [Isso era uma]- se tivesse assim um abrigo, de menores, eles *podiam pegar essas crianças*, né? né? podiam {hes} |pegar essas crianças e botar tudo no abrigo|, né? [pra]- pra dar uma educação pra eles estudarem, pra eles terem uma religião, né? (483/15) (1 ocorrência)

- **gerúndio**

- (45) — Nada sozinha. Ela fala, sabe? [mas]- come sozinha, mas colocando no prato e *chamando 0*, e só, mas ela pegar sem dificuldade, comer, fazer, isso não. (180/7) (1 ocorrência)



- **locução verbal com gerúndio**

- (46) — Que eles liberavam aqueles toquinhos de tábuas, não tem? o restante, que sobrava, pro pessoal queimar, né? Porque naquele tempo não- [Naquele tempo, fogão a gás, naquele tempo era rico]. Mesma coisa, televisão era rico, né? O meu papo ali, com {inint} então, nos sábados, eles liberavam pro cara pegar, então nós *íamos pegando* *0*, de saco, lá embaixo.  
(166/19) (1 ocorrência)

- **tempo composto**

- (47) — Ela foi informar pro marido que eu *tinha agredido ela*, assim, verbalmente, né? (100/14) (1 ocorrência)

## 5. Tipo de verbo

- **verbo transitivo**

- (48) — Porque eles adoram a minha filha e me adoram. Mas sabes porquê, Jô? Eu nunca, assim, *maltratei eles*. (829/16) (1 ocorrência)

- **verbo bitransitivo circunstancial**

- (49) — ... tínhamos os famosos pelotões da saúde, [que eram]- em cada sala tinha dois ou três encarregados de verificar se os demais alunos estavam realmente limpos, [se]- como é que estava o cabelo, se ele realmente tomava banho. E eu me lembro de ocasiões a gente pegar o colega e ter que *botar* *0* debaixo do chuveiro, hã? (1087/21) (1 ocorrência)

- **verbo bitransitivo** (Verbo transitivo direto e indireto.)

(50) — “Marli, espera aí, não joga fora essa fralda.” eu disse pra ela, “me *dá essa fralda* aqui.”(1190/23) (1 ocorrência)

## 6 . Estrutura sintática em que a variável se encontra

- **estrutura simples**

(51) — Ah, a cidade de [{fo-}]- Florianópolis [estavam]- está muito aumentada, né? Cresceu muito... mas é uma cidade muito boa, [eu]- *amo Florianópolis*. (352/15) (1 ocorrência).

- **estrutura com SC com infinitivo**

(52) — Então [eu]- fico bem, assim, bem aborrecida quando *vejo eles falarem* [em {menor-}]- em menor que eles têm que olhar [do menor]- o menor abandonado. (503/20) (1 ocorrência)

- **estrutura com SC com preposição**

(53) — Na semana de carnaval, eu venho do serviço e dou de cara com ele dentro de casa. Aí eu queria matar ele. Aí eu quis morrer, quando eu *vi esse João dentro de casa*. (977/3) (1 ocorrência)

- **estrutura com SC com adjetivo**

(54) — Com passarinho [que eu]- eu não matava, precisava de gaiola *pegava 0 vivo*, não tem? (249/10) (1 ocorrência)

- **estrutura com SC com gerúndio**

- (55) — Pato Donald- Queria falar igual ao Pato Donald. *Queria imitar ele falando*, mas não dava certo. (160/1) (1 ocorrência)

- **estrutura com SC com SN**

- (56) — Ah! Eu acho que não, né? [Do jeito que ele]- do jeito que está, como diz que nosso salário só vai ser aumentado em janeiro- Eu *acho isso um absurdo!* (602/9) (1 ocorrência)

- **estrutura com complemento indireto elidido**

- (57) — Ah, ela sempre dizia [que]- que a madrinha dela era- [Eu *convidei ela*, não porque ela é rica], eu *convidei ela* porque eu gostava muito dela, né? (423/16) (2 ocorrência)

- **estrutura com verbo causativo**

- (58) — A Ana Paula quer mandar na Andreia, a Andreia não *pode deixar a Ana Paula mandar*. (456/11) (1 ocorrência)

- **estrutura em que o complemento indireto é uma sentença**

- (59) — Ligava o som bem alto, né? e também eu acho que eu estou prejudicando as outras duas, realmente, porque eu *proíbo 0*, às vezes, *escutar música*, né? (553/11) (1 ocorrência)

**7 . Paralelismo formal** (Este grupo de fatores condicionadores nos permite observar a seqüência das variantes em estudo no discurso.)

- ocorrência isolada da variante

(60) I: — Eu fui umas três, quatro vezes no carnaval, aí depois conheci esse que é meu marido atualmente.

E: — E com quantos anos?

I: — Com quinze anos eu *conheci ele*. (52/20) (1 ocorrência)

I: — Aí, quando foi o aniversário da minha irmã, de 15 anos, que ela fez uma festa pra ela [aí]- aí a gente *convidou ele*. (64/20) (1 ocorrência)

- variante precedida de mesma variante

(61) — Aí a primeira vacina da Rafaela, eu *levei ela* no Hospital Infantil, aí chegou lá resolvi ligar pra ele, pra ele *conhecer ela*. (112/20) (2 ocorrências)

- variante precedida de variante diferente

(62) — Aí nesse meio tempo [a gente não] - a gente sempre se encontrava, só que ele nunca admitiu que gostava de mim, eu gostava muito dele, mas ele nunca *admitiu 0*. (74/20) (1 ocorrência)

— Mas a gente saindo, a gente teve [uma vida]- um relacionamento mais íntimo, talvez eu *trouxesse ele* mais pra perto de mim, né? (78/20) (1 ocorrência)

## CAPÍTULO II

## Clítico, pronome reto e objeto nulo

## 0 Introdução

Neste capítulo faremos um estudo preliminar das variantes do objeto direto anafórico de 3ª pessoa. Trata-se de determinar como um antecedente é retomado pela função de objeto direto. A retomada do antecedente pode ser por clítico, por objeto nulo, pelo pronome tônico ou pela repetição do antecedente.

A repetição do SN antecedente pode ser exemplificada por (1):

- (1) — E a Maria?  
— Eu vi *a Maria* ontem.

Como em geral não se repete o SN, esta estratégia pode trazer algum efeito semântico-pragmático para a sentença, o que não é comum com as outras variantes.

Como uma segunda variante temos o clítico. No PB o clítico de 3ª pessoa *o* (e suas formas flexionadas) tem ocorrência muito baixa na fala. Assim, uma resposta como a que aparece em (2), que seria comum no espanhol, por exemplo, é extremamente rara no PB:

- (2) — E a Maria?  
— Eu *a* vi ontem.

O objeto nulo, outra forma de o objeto direto ser retomado anaforicamente, tem uso muito mais freqüente no PB, a ponto de caracterizar como único este dialeto dentre as línguas românicas.

- (3) — E a Maria?  
— Eu vi *o* ontem.

Tendo em vista o quadro das categorias vazias, não deve tratar-se, em princípio, de uma variável, pois não aparece um operador explícito para vincular esta posição.

Por fim, um SN pode ser tomado anaforicamente como objeto usando-se um pronome tônico. O pronome tônico marcado abstratamente por acusativo é freqüente no PB, não acontecendo em outras línguas românicas. Assim, a resposta que aparece em (4) não seria possível no PE:

- (4) — E a Maria?  
— Eu *vi ela* ontem.

Vamos nos ocupar, como foi observado acima, somente com as variantes clítico, pronome tônico acusativo e objeto nulo, como nos exemplos (5), (6) e (7), retirados do *corpus* VARSUL. A variante SN será abordada de passagem neste capítulo por se tratar de uma estratégia de repetição do SN antecedente.

- (5) — Atualmente ele não tem muito interesse, né? Não *tem vindo procurá-la*.  
(113/11) (1 ocorrência)
- (6) — ... com o meu pai já aconteceu assalto. Ficou bem traumatizado, na época, por causa do assalto. Foi [um]- quase pivete, um rapazinho, né? que- *assaltaram ele* quando vinha do serviço. (324/17) (1 ocorrência)
- (7) — Mas eu, porque eu trabalhava, chegava em casa, tinha que pegar | aqueles papéis tudo |, *decorar 0*, e eu não esperava pela- (632/05) (1 ocorrência)

Ao fazermos a coleta de dados, observamos a existência de dois tipos de objeto nulo. Um deles é o representado acima no exemplo (7) em que pode haver a alternância com o objeto preenchido pelo pronome tônico acusativo ou clítico. O segundo tipo de objeto nulo é aquele que não pode alternar nem com o pronome tônico nem com o clítico. Neste segundo caso, a única alternativa é repetir o antecedente. Observe o exemplo do *corpus*

(8) — Tu tens faculdade, eu não *tenho* *0*. (1009/16) (1 ocorrência)

Em sentenças como (8), a retomada de *faculdade* como objeto do verbo *ter*, por meio de um pronome ou clítico é impossível. Assim, das quatro opções de retomada anafórica somente o objeto nulo e a repetição do SN antecedente estariam disponíveis.

Do que foi explanado acima, podemos levantar as seguintes indagações:

- Como entender a representação do objeto direto pelo pronome tônico, uma vez que em outras línguas românicas isto não é admissível?
- O que licenciaria o objeto nulo em lugar de um objeto preenchido?
- Como devemos classificar os dois tipos de vazio em posição de objeto direto anafórico?

Apresentaremos, neste capítulo, estudos referentes às três variantes do objeto direto anafórico de 3ª pessoa. Na seção 1. faremos um histórico do pronome clítico acusativo de 3ª pessoa. Na sequência, será apresentado o objeto nulo, tendo em vista seu estatuto entre as categorias vazias, e do pronome tônico *ele*. Por último, na seção 3. apresentaremos um estudo sobre o objeto direto anafórico do tipo que aparece em (8).

## 1 O clítico acusativo de 3ª pessoa no PB.

No PB atual, uma mudança está se processando: notam-se perdas no sistema de clíticos. Este fenômeno não é observado em outras línguas românicas como o PE, o francês, o italiano e o espanhol que têm um paradigma de clíticos muito mais rico.

O clítico acusativo de 3ª pessoa é o que está distanciando sobremaneira o PB das outras línguas neolatinas. O PB está lançando mão de outras formas de expressão do objeto anafórico como o pronome tônico e o objeto nulo.

O problema da expressão do objeto anafórico é, em geral, discutido de duas perspectivas. A primeira envolve a diferença existente entre o PB e o PE em termos da posição dos clíticos em relação ao verbo. A segunda envolve o desaparecimento de clíticos, que se verifica no PB, mas não no PE. Estas duas perspectivas se interligam

ainda na medida em que podem ser encaradas do ponto de vista diacrônico. O problema de diacronia será trabalhado tendo em vista aspectos fonológicos e sintáticos. Apesar de a abordagem fonológica não ser central neste estudo, ela contribui para a solução de problemas.

A diferença entre o PB e o PE como foi observado no início desta seção, se encontra no fato de o PB estar apresentando perdas em seu sistema de clíticos objetos, principalmente, o clítico acusativo de 3ª pessoa. Por sua vez, o PE conserva este sistema intacto.

O histórico dos clíticos mostra que o primeiro a desaparecer no PB foi o neutro, como o que aparece em (9), na primeira metade do século XX (Cyrino, 1994:3):

- (9) — “Cuja he”  
 — E eu que sei \_  
 — Pois quem o sabe?

Havia uma certa flutuação no uso deste clítico notada nos dados da autora desde muito antes do século XIX. Uma vez que a gramática permitia ora o preenchimento ora o não-preenchimento da posição do clítico, um outro fator, que não o sintático, pode ter influenciado nesse caso. É o que veremos mais abaixo com a proposta de Nunes (1993).

O segundo clítico a desaparecer foi o clítico *o* que retoma um antecedente [+masculino, -animado]. Este acabou sendo substituído por uma categoria vazia. Por último, é o clítico acusativo de 3ª pessoa com antecedente [+animado] que cai em desuso e é substituído por pronome tônico. Esta mudança, é óbvio, não foi instantânea. Cyrino observou que desde a segunda metade do século XIX os pronomes tônicos e os objetos nulos começaram a substituir o clítico.

Nunes (1993) apresenta uma explicação fonológica (no caso a prosódia) para abordar a questão dos clíticos. Postula que a mudança na direção da cliticização fonológica começou a se processar na mesma época em que objetos nulos e pronomes tônicos começaram a substituir os clíticos, isto é, em meados do século XIX, ou mesmo antes. Dados de Cyrino (1990) utilizados por Nunes confirmam esta mudança.



O *onset* da sílaba do clítico acusativo de 3ª pessoa, no português, foi aparentemente perdido, ao contrário do francês e do espanhol (*le* e *lo* respectivamente). Somente após algumas formas verbais o *onset* é visível (*lo*, *la*, *no*, *na*) no português. O *onset* da sílaba do clítico acusativo de 3ª pessoa tornou-se um elemento subjacente, licenciado não pelo nóculo da sílaba, mas através de outros processos como: a assimilação de certas terminações (/s/ e /r/), e de multiassociações de traços (por exemplo, quando temos uma forma verbal terminada em ditongo nasal antecedendo o clítico).

No PB atual, a direção da cliticização fonológica é da esquerda para a direita, o que permite que outros clíticos, exceto o acusativo de 3ª pessoa, possam ocorrer em início de sentença. Para Nunes, “Uma vez que tanto o português antigo quanto o português brasileiro moderno exibem cliticização da direita para a esquerda... é plausível tomar a cliticização da esquerda para a direita como uma inovação do dialeto brasileiro.” (Nunes, 1993:214)

Esta inovação, como já foi mencionado, não permite o licenciamento do *onset* da sílaba do clítico acusativo de 3ª pessoa. Assim, para Nunes, ao adquirir o novo sistema de clíticos é mais admissível que as crianças do início do século XIX não introduziram novas regras para o licenciamento do *onset* da sílaba do clítico, pois exemplos como (10) mostram que uma análise dos clíticos com sílabas com *onset* subespecificado seria necessária:

- (10) a. Comprá-lo.  
b. Fizeram-no.

Adquiriram, isso sim, uma nova gramática sem clíticos. Isto oportunizou o aparecimento do objeto nulo e do pronome tônico em posição de objeto direto anafórico. Observe os exemplos:

- (11) Eu entreguei *0* pro João.  
(12) Eu entreguei *ele* pro João.

Exemplos como os de (10) levam o autor a cogitar a possibilidade de que o clítico acusativo de 3ª pessoa ainda permaneça devido à educação normativa recebida na escola. A criança brasileira como a criança portuguesa devem ter adquirido um *onset* subespecificado para a sílaba desses clíticos da mesma maneira. Mas o licenciamento deve ocorrer de modo diferente devido à diferença na direção da cliticização fonológica ou à diferença no processo de aquisição desses clíticos.

Ao levarmos em conta estas considerações deparamos com algumas questões:

- Será que a criança de descendência açoriana adquiriu uma nova gramática sem clítico acusativo de 3ª pessoa a exemplo do que ocorreu em outras regiões do Brasil?
- O uso do clítico acusativo de 3ª pessoa seria também influenciado pelo grau de escolaridade dos falantes do português açoriano de Florianópolis?

Esperamos obter as respostas a estas indagações no decorrer deste trabalho.

A outra proposta que apresentaremos para a questão do clítico é a de Galves (1993) que sob o ponto de vista sintático aponta uma modificação que está se processando no sistema pronominal do PB - um maior preenchimento da posição de sujeito com pronome e menor preenchimento da posição de objeto. Isso implica um número cada vez menor de sujeito nulo e um acréscimo de objetos nulos com conseqüente desaparecimento do clítico acusativo de 3ª pessoa.

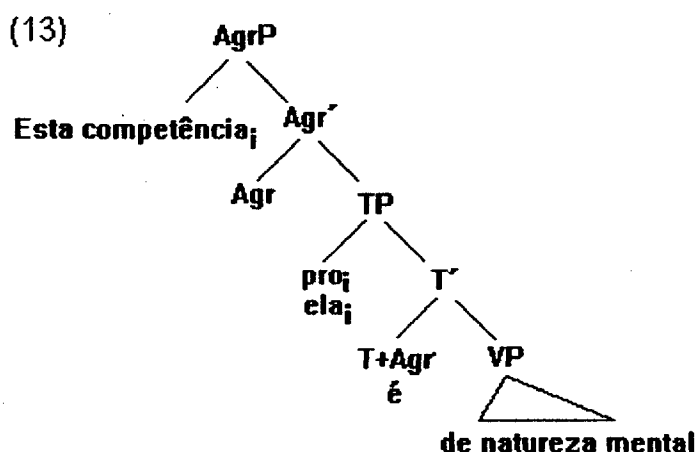
A explicação para o desaparecimento do clítico, segundo a autora, estaria na natureza da flexão. Ela postula que para existir um verdadeiro sistema de clíticos, uma concordância forte é necessária. O que não acontece no PB atual, a flexão verbal resumiu-se a uma oposição binária - 1ª pessoa/3ª pessoa articulada a uma oposição singular/plural. A ausência da 2ª pessoa e a possibilidade da interpretação semântica da 3ª pessoa do singular como pessoa indeterminada caracterizariam uma concordância fraca morfológicamente.

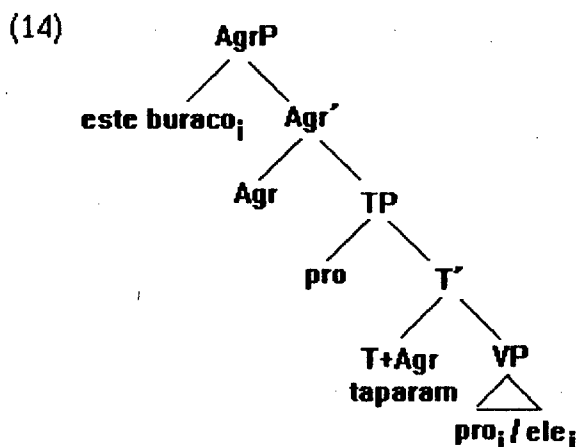
A autora relaciona o enfraquecimento da concordância com o

maior preenchimento da posição de sujeito com pronomes, o que chama atenção por ser o PB considerado uma língua de sujeito nulo. Galves propõe que um morfema de concordância fraca é gerado como um mero afixo de Tempo (T), e não como um núcleo independente, conforme hipóteses atuais - T e Concordância (Agr) são núcleos independentes na estrutura profunda que no desenrolar da derivação se afixam ao verbo.

Mas, sob uma outra ótica, Galves observou a existência, no PB, de um núcleo Agr que independe da realização morfológica e que domina o T em orações topicalizadas. Nestas orações, devido ao enfraquecimento da flexão, acontece uma reorganização: o sujeito se encontra em uma posição mais baixa do que aquela em que se encontraria se pertencesse a uma língua de concordância forte. Assim, o verbo não sobe para Agr, pois em T já encontra todos os seus elementos flexionais.

Neste caso, o sujeito recebe o caso nominativo na posição de especificador de T. A posição de especificador de Agr fica livre e ali pode ser gerado um outro sintagma nominal como sujeito que tenha como predicado uma oração. Esta sentença apresenta um *pro* em posição sujeito que é co-referente com o SN em posição de especificador de Agr. Observemos (13) e (14) (exemplos (5) na numeração da autora, que, por conveniência, desmembramos em dois): o primeiro apresenta um *pro* (*ela*) em posição sujeito co-referente com outro SN gerado no Spec de Agr; e o segundo apresenta *pro* (*ele*) em posição de objeto co-referente o Spec de AgrP.





O sujeito de uma língua de concordância forte é gerado na posição de Spec de Agr, não havendo, desta maneira, lugar para outro sujeito. Assim, o verbo que está em Agr pode mover-se para Comp. Uma vez que há enfraquecimento de Agr, como é mostrado nos dois exemplos acima, o verbo não pode subir para a posição de Comp (há uma posição não ocupada que impossibilita o acesso). Isso caracteriza, por um lado, a ordem sujeito-verbo observada nas orações simples e nas interrogativas desde o século XIX. Por outro lado, o núcleo de Agr será responsável pela legitimação do objeto nulo.

"O elemento de concordância abstrata que domina a oração legítima, entre outras coisas, um tópico nulo que liga a categoria vazia objeto e permite que ela seja referencialmente identificada. A ausência de restrições de localidade sobre este objeto deriva do fato de ele estar sempre ligado no interior de sua própria oração" (Galves, 1993:399). Segundo a autora, o fenômeno do objeto nulo está ligado à questão dos clíticos, que tendem a ser substituídos por pronome nulo ou por pronome tônico.

A autora afirma que no "português clássico, ele (o clítico) encontra-se junto à forma flexionada, atestando ser um elemento ligado a Agr. No PB, mantém-se junto ao verbo principal, na posição de adjunto à categoria funcional que domina este imediatamente" (Galves, 1993:401). O uso atual do clítico *o/a* em oração com locução verbal em que ele aparece junto ao auxiliar e como enclíticos em infinitivas parece ter sido adquirido na escola, através de uma regra particular de adjunção à flexão verbal.

Galves conclui que isso resulta numa reorganização lexical do sistema de pronomes. A oposição clítico versus não clítico cede lugar para a oposição

morfologicamente marcado com caso (*me/te/lhe/se*) versus não morfologicamente marcado com caso (*eu/ele/você*). Os pronomes da segunda categoria podem, então, aparecer em qualquer posição, inclusive na posição objeto. Explica-se, assim, como é legitimado, nesse sistema, o pronome tônico em posição objeto.

Certamente, conforme Galves, essa mudança não teria se realizado de forma regular mas, pode, isso sim, ter se organizado por camadas sociais e expandido gradativamente até sua implementação definitiva no século XX. A autora deixa no ar uma questão: "Será esse fato explicado unicamente pela pressão da norma, ou é devido também à maneira como se processa a mudança?" (Galves, 1993: 403).

Como podemos constatar, tanto a proposta fonológica de Nunes quanto a sintática de Galves fornecem embasamento teórico para o que observamos na prática - o clítico acusativo de 3ª pessoa está desaparecendo no PB. Mas será que nossos informantes, por serem descendentes de açorianos, mantêm uma certa tradição quanto ao uso desse clítico?

## **2 O objeto nulo e o pronome tônico anafóricos.**

### **2.1 O objeto nulo sob a visão gerativa.**

A Gramática Universal constitui-se de um sistema de princípios comuns a todas as línguas, e de parâmetros que variam de uma língua para outra. Um desses parâmetros é o do objeto nulo. Esse fenômeno diferencia o PB de outras línguas românicas como o PE, o francês, o espanhol, o romeno, ao mesmo tempo em que o coloca ao lado de línguas como o chinês.

O Princípio de Projeção estabelece que, se um elemento é projetado na estrutura-D, obrigatoriamente seu lugar terá que ser mantido em todos os outros níveis de representação. Como consequência, mesmo que não preenchida por um elemento pronunciado, a posição de objeto de um verbo transitivo é preservada. Neste caso, a questão é identificar esta categoria vazia em vista dos traços [ $\pm$ anafórico,  $\pm$  pronominal].

## 2.2 O estatuto do objeto nulo em algumas línguas

Huang (1984) propõe que o objeto nulo é uma variável em línguas orientadas para o discurso. Nessas línguas, o tópico pode ser nulo, vinculando uma variável em posição A. Como exemplo de línguas que têm esta propriedade, o autor aponta o chinês, o japonês, o coreano, o quechua imbabura e o PB.

Cole (1987) discorda da proposta de Huang (1984), observando que o quechua não admite tópicos nulos, muito embora admita objetos nulos. Mostra que os objetos nulos do quechua não podem ser classificados como variáveis devendo ser pronominais. Desta maneira, a proposta de que os objetos nulos seriam sempre variáveis deve ser reformulada.

Em 1991, Huang propõe que o objeto nulo do chinês seja considerado um tipo de epíteto nulo, isto é, uma expressão-R. Kato (1991 a.b) adota, para o PE (e chinês), a proposta de Huang de que o objeto nulo possa ser uma manifestação de expressão-R, desde que seja dêitico.

Rizzi (1986) afirma que há vários tipos de objeto nulo, cada tipo dependendo de seu antecedente. Ele observou que, quando tem interpretação arbitrária, o objeto nulo no italiano seria um  $pro_{arb}$  que apresenta traços característicos: [+humano], [+genérico], [+plural], [+masculino], [+3ª pessoa]. Este elemento ocorre em orações com tempo genérico, como em (15):

- (15) a. Un generale puo costringere \_ a [PRO obbedire i suoi ordini].<sup>1</sup>  
 b. \*Alle cinque il generale ha costretto \_ a [PRO obbedire].

No inglês, esta categoria vazia não existe. No PB, o tipo de objeto nulo apontado por Rizzi para o italiano acontece, porém com o traço [-plural]:

- (16) a. Este remédio deixa \_ tonto.

<sup>1</sup> a. Um general pode obrigar \_ a [PRO obedecer as suas ordens].  
 b. \*As cinco o general obrigou \_ a [PRO obedecer]. (Tradução minha)

b. \*Este remédio deixa \_ tontos.

Além deste tipo de objeto nulo, existe, ainda, o que tem antecedente indefinido. Campos (1986) aponta este fenômeno no espanhol, como vemos em (17), onde *café* serve de antecedente para o objeto nulo da resposta:

- (17) — Comprastes café?  
— Si, comprei \_.

Entretanto, em outras línguas românicas como o francês, o italiano, o catalão e o provençal, este tipo de objeto nulo não acontece.

Por fim, temos o objeto nulo com antecedente definido, que tem uma interpretação específica. Em línguas como o inglês, existe este tipo de objeto nulo, mas seu uso é muito restrito: ocorrem, por exemplo, em contextos de instrução como receitas culinárias, como se observa em (18):

- (18) Take 3 eggs. Break \_ into a bowl.

Reconhecendo a existência deste tipo de objeto nulo no PE, Raposo (1986) propõe que ele seja um vestígio deixado pelo alçamento de um operador nulo para a posição de complementizador. A referência do operador nulo seria construída a partir de um antecedente no contexto, o  $TOP_i$  em (19):

- (19) a. A Joana viu \_ na TV ontem  
b.  $TOP_i$  [<sub>S</sub>  $OP_i$  [<sub>S</sub> a Joana viu  $t_i$  na TV ontem ]]

Do fato de não poder ocorrer em ilhas, Raposo conclui que ele é uma *variável*, que decorre do movimento do operador nulo.

Para o espanhol, Campos (1986) propõe que o objeto nulo indefinido de (20) seja uma variável aderindo à análise que Raposo (1986) desenvolve para o objeto nulo

específico do PE:

- (20) a. — Compraste libros?  
       — Si, compré \_.  
       b. — Compraste el libro?  
       — \*Si, compré \_.  
       c. — Pepe necessita de gafas?  
       — Que necessita \_ es obvio.

Entretanto, o objeto nulo específico do PB apresenta propriedades diferentes daquelas observadas no PE. Como aponta Galves (1989), há um comportamento diferente no que tange à possibilidade de ocorrer em ilhas:

- (21) A Joana viu \_ na TV ontem.  
 (22) a. Eu informei a polícia da possibilidade de Manuel ter guardado no cofre da sala de jantar.  
       b. O rapaz que trouxe \_ agora mesmo da pastelaria era o teu afilhado.  
       c. Que a IBM venda \_ a particulares surpreende-me.  
       d. O pirata partiu para as Caraíbas depois de ter guardado \_ cuidadosamente no cofre.

Os exemplos de (22) são gramaticais no PB independente de o objeto nulo estar em SN complexo (22.a), relativas (22.b), sentença nominativa (22.c) e adjunto (22.d).

Conforme a tipologia dos elementos nulos, o objeto nulo do PE é classificado por Raposo (1986) como uma variável, isto é, vestígio do movimento de um operador (nulo) para a posição de complementizador. Como pode ser extraído de ilhas, o objeto nulo do PB não pode ser derivado por movimento e deve ser um *pro* (Galves, 1989).

Vemos, assim, que o objeto nulo não é um fenômeno uniforme nas línguas. A este respeito, Kato (1991a, 1991b, 1993) faz a seguinte síntese:



- a ocorrência de *pro* com referência no contexto pragmático, de caráter dêitico.
- a ocorrência de elipse de VP.
- a ocorrência de *pro* sendo identificado e licenciado por um clítico nulo.

Segundo a proposta de Kato, as línguas do mundo podem ser classificadas, quanto ao fenômeno do objeto nulo, da seguinte maneira:

- línguas que permitem *exopro* (objeto nulo dêitico): inglês, chinês, PE, PB.
- línguas que permitem elipse de VP: chinês, PE, PB.
- línguas que permitem *pro*: PB.

Não há um consenso quanto ao estatuto da categoria vazia em posição de objeto nulo. Entretanto, em todas estas estruturas, salvo o objeto nulo dêitico, um aspecto é comum a eles: o caráter fórico.

### 2.3 O objeto nulo do PB através do tempo.

Em um estudo diacrônico sobre o PB, Cyrino (1990a) constatou a presença de objetos nulos em “ilhas”, desde o século XIX:

- (23) Inferno, isso é: se de Dante, não sei, porque não conheço (Arthur Azevedo, O Tribofê., p.83)

Constatou, também, a perda do clítico acusativo de 3ª pessoa e relacionou-a ao crescente número de casos de objeto nulo.

Cyrino (1990b) observou ainda a mudança na posição dos clíticos acusativos de 1ª, 2ª e 3ª pessoas. Apoiando-se em Galves (1989), Cyrino afirma que a mudança na posição dos clíticos está relacionada ao Agr “fraco” (ver seção 1.). Esta propriedade de Agr estaria propiciando também a ocorrência de objetos nulos pronominais.

Este estudo mostrou que até o século XIX havia próclise ou ênclise ao

auxiliar como é mostrado em (24):

- (24) a. João me tinha encontrado.  
b. João tinha-me encontrado.

Este posicionamento, entretanto, não se mantém no PB falado atualmente, em que se nota a próclise ao verbo não finito:

- (25) João não tinha mais me encontrado.

A hipótese formulada por Cyrino (1994) é que o Agr fraco ocasiona a perda da ênclise. Acontece, então, uma reanálise e o objeto nulo deixa de ser classificado como variável e passa a ser pronominal. Mas como teria se dado esta reanálise, se, de acordo com a autora, o Agr do PB já era fraco desde o século XVII?

Conforme Cyrino (1994:4), "O objeto nulo seria um tipo de clítico nulo ... que teria se desenvolvido através da reanálise da lacuna deixada pela elipse sentencial, a qual poderia ser substituída por um clítico *o* ou não. Portanto, a estrutura que levaria à reanálise seria a que exhibe a opcionalidade de omissão do clítico *o*. Por que tal reanálise seria possível? Porque o antecedente do clítico *o* sentencial (ou sua lacuna) é [-animado]. Assim, a reanálise poderia ter sido essa: a opcionalidade da elipse sentencial foi estendida para todos os clíticos com esse traço. O clítico *o* com antecedente [-animado] poderia ter sido interpretado pelo falante, mais especificamente, a criança da época, como tendo também essa opcionalidade de ser nulo."

Assim, o objeto nulo típico que ocorre no PB é um *pro* licenciado por um clítico nulo de 3ª pessoa, diferentemente do PE que não dispõe de um clítico nulo. Veja (26):

- (26) Comprei o casaco; sem experimentar \_i.

No PE, a autora supõe que não possa haver clítico nulo. Se pudesse, o objeto nulo seria como o do PB e seu uso em ilhas seria gramatical. Sentenças como (27) são

gramaticais em PE, mas exemplos como em (28), não:

- (27) a. João é parecido com seu pai, e Pedro também \_ é.  
 b. O homem que deu seu salário à esposa foi mais esperto do que o homem que deu \_ à amante.
- (28) \*Que a IBM venda \_ a particulares, surpreende-me.

Em (27), temos duas leituras possíveis — estrita e imprecisa — o que para a autora leva a um processo de reconstrução, caracterizando a elipse de VP (estrutura de reconstrução de VP inaudível em forma fonética). Na sentença (27.a), o processo de reconstrução de VP é mais evidente, pois além da identidade verbal a sentença apresenta advérbio de denotação predicativa.

Retornando a hipótese de Cyrino, o PB tem as seguintes possibilidades fônicas:

- **clítico neutro**, que, conforme seus dados diacrônicos, está em desuso desde o começo deste século, o que dá lugar à **elipse sentencial**;
- **clítico acusativo de 3ª pessoa**, em fase de extinção, que só é usado em situações formais de fala ou na escrita. É substituído, quando seu antecedente é na maioria das vezes [-animado], pelo **objeto nulo**, e quando seu antecedente é, preferencialmente, [+animado] pelo **pronome tônico**;
- **elipse de VP**, que a autora distingue de elipse sentencial por apresentar características próprias que veremos adiante.

Para sustentar esta classificação (salvo o caso do pronome tônico que veremos na sequência), a autora se apoia no processo de reconstrução pelo qual passa o pronome *it* do inglês. Nos casos em que seu antecedente é um D (ou N) [-específico, -referencial] há a elipse de VP e em sequências idênticas ocorrem os processos de reconstrução. A autora mostra que o clítico de 3ª pessoa e o clítico neutro também podem resultar de processos de reconstrução em FL.

Como já foi mencionado, Cyrino diferencia elipse sentencial de elipse de VP.

Esta última necessariamente tem de apresentar identidade verbal, isto é, os verbos que licenciam tanto o antecedente quanto o objeto direto anafórico devem ser o mesmo, como em (29):

(29) João descascou a banana, mas Pedro não descascou \_\_.

Por sua vez, a existência de objeto nulo não impõe identidade verbal, como vemos em (30):

(30) João descascou a banana, mas Pedro não comeu \_\_.

A autora conclui que o objeto nulo no PB, mais livre do que no PE, é resultado de reconstrução quando seu antecedente é um NP [-animado]. Propõe, ainda, que para o desenvolvimento do objeto nulo no PB houve uma extensão da possibilidade de reconstrução (e elipse) de DP/NP. Essa extensão foi possível devido à elipse do clítico neutro ou elipses sentenciais.

Cyrino conclui, ainda, que no caso do PB, a reanálise do objeto nulo é consequência da perda do clítico neutro. A mudança paramétrica é observada na alteração do paradigma pronominal do século XX que perde o clítico neutro, este sendo substituído pelo objeto nulo, e os outros clíticos de 3ª pessoa são substituídos também, ou pelo objeto nulo, ou pelo pronome tônico.

Como foi mencionado, o uso do pronome tônico como objeto direto anafórico não é permitido nas outras línguas românicas. No PB, apesar de ser marginalizado pela gramática normativa, o pronome tônico é corrente na língua falada.

Cyrino observou que desde a segunda metade do século XIX os pronomes tônicos e os objetos nulos começaram a substituir o pronome clítico. O objeto nulo começa a ser usado quando seu antecedente é [-animado, +masculino]. "Para antecedentes animados a preferência é o uso do pronome pleno, o qual começou a ocorrer nos dados ao mesmo tempo que os clíticos começaram a desaparecer. Esses pronomes plenos, então, parecem substituir o clítico, onde a reconstrução não é possível." (Cyrino, 1994:149)

Resta questionar o comportamento das duas variantes licenciadas no lugar do clítico acusativo de 3ª pessoa: O objeto nulo tem, como nos dados de Cyrino, preferencialmente um antecedente [-animado] em nosso *corpus*? Em contrapartida, antecedentes com o traço [+animado] influenciariam o uso de pronome tônico?

Retomando a questão da elipse de VP, constatamos a dificuldade de reconhecimento deste tipo de fenômeno. Fagundes (1996) mostra alguns problemas, enfrentados pelos pesquisadores, na identificação do antecedente no caso do não-preenchimento da posição de objeto direto anafórico. Entre esses casos, o autor aponta os que apresentam antecedente [+genérico]. Faremos, na seção seguinte, um breve estudo sobre esse tipo de objeto.

### 3 O objeto genérico anafórico

A retomada anafórica de um objeto genérico levanta um problema que deve ser levado em conta em nosso estudo: Qual seria a caracterização deste tipo de objeto? Um caminho para responder a esta questão é a observação da estrutura em que esse tipo de objeto ocorre. Devemos observar se estamos diante de uma elipse de VP ou se estamos diante de um objeto nulo. Vejamos os exemplos (31) e (32):

(31) Maria mata borboletas, eu não *mato*.

(32) Maria mata borboletas e João *colecciona 0*.

Em (31), a retomada por pronomes— clítico ou tônico — parece ser impossível enquanto que, em (32), o uso dos pronomes clítico e tônico parece ser aceitável além de SNs.

No caso de (31), podemos propor o seguinte: como não é permitida a retomada desses elementos por pronomes clítico e tônico, por se tratar de elementos genéricos, é possível que isso force a retomada pelo vazio.

Ao analisarmos dados desse tipo, constatamos a presença de dois fenômenos

distintos. Observe (33):

- (33) — [Ah! {“mas”}] olha, eu nunca tive filhos estudando lá, porque eu não tinha menina, né? mas eu acho que se *tivesse* 0, não *botaria* 0 lá. (784/24)  
(2 ocorrências)

As duas ocorrências em (33) são distintas. Na primeira há uma identidade verbal (*tinha/tivesse*) o que caracteriza a elipse de VP. Desta maneira, é pouco provável a realização deste objeto anafórico como [+específico], uma vez que seu antecedente é [-específico]. No segundo caso, não há correspondência verbal (*tivesse/botaria*). Parece haver a possibilidade de incluir o artigo na retomada do objeto, se este se apresentasse como um SN pleno. Note que seria possível fazer as seguintes leituras de (33):

- (34) a. ... mas eu acho que se *tivesse* 0, não *a botaria* lá.  
b. ... mas eu acho que se *tivesse* 0, não *botaria a menina* lá.  
c. ... mas eu acho que se *tivesse* 0, não *botaria ela* lá.

Estas leituras não seriam possíveis no caso de elipse de VP. Observe (35):

- (35) a. \* porque eu não tinha menina, né? mas eu acho que se *a tivesse*...  
b. \* porque eu não tinha menina, né? mas eu acho que se *tivesse a menina*...  
c. \* porque eu não tinha menina, né? mas eu acho que se *tivesse ela*...

O contraste entre a não identidade e a correspondência dos verbos permite observar que, no primeiro caso, seria possível a recuperação com SN (com artigo definido), com objeto nulo, com pronome tônico e com clítico. No segundo caso, parece que somente o objeto nulo e o SN sem artigo seriam possíveis. Este contraste leva-nos à indagação: O que estaria ocasionando esta diferença? O que faz com que possamos usar clítico ou pronome tônico quando há mudança de verbo na retomada?

Examinando os dados, encontramos exemplos como (36):

- (36) — Eu, eu que ia muito, assim, aos piquenique lá, porque era o piquenique [de]- da família, né? tinha, por exemplo, um parente que tinha caminhão e ele *enchia o caminhão* [com a]- com a família toda e ...(1171/24) (01 ocorrência)

Constatamos que não existe identidade verbal neste caso. Parece tratar-se de uma estratégia discursiva. Como objeto de *tinha*, *caminhão* é informação nova, mas não como objeto de *enchia*. Isto, aliado ao fato de os verbos serem distintos, caracteriza a retomada do antecedente pelo objeto direto, no caso SN pleno. O antecedente também poderia ser retomado por objeto nulo, pronome clítico ou pronome tônico.

Se formos observar, no exemplo (33), temos um fenômeno semelhante ao do dado acima. Em *porque eu não tinha menina, mas eu acho que se tivesse 0, não botaria 0 lá*, a repetição do verbo *ter* cria uma referência proporcionando o uso do clítico ou do pronome tônico com o verbo *botaria*.

Levando em consideração este fator, controlamos os dados que aceitam ser recuperados por pronome ou clítico. Observamos que os dados sempre apresentam algum elemento que torna o antecedente referencial. Observemos os exemplos:

- (37) — E se ele teve dinheiro {es-} confiscado pelo governo, ele *pode usar esse dinheiro* para pagar o imposto. (4767/21) (1 ocorrência)
- (38) “O, trouxe chocolate pra ti, não queres ir? ... Que ela {tra-} *trazia 0* para me engambelar, pra mim ir. (910/8) (1 ocorrência)
- (39) — Aí, arrumo a casa, boto roupa na máquina, *lavo a roupa*, né? (850/11) (1 ocorrência)
- (40) — Comprei relógio, porque meu sonho *era ter aquele Champion de sete pulseiras*, né? *Comprei 0*. ( 809/9) (1 ocorrência)

Em todos os dados coletados e classificados como objeto genérico

observamos uma sistematicidade em seu uso. Nos dados em que os verbos licenciadores da elipse são idênticos parece ser impossível a retomada com o pronome clítico. Esses casos seriam caracterizados como elipse de VP. Nos dados que não apresentam identidade verbal a retomada pelo pronome clítico ou por suas variantes é perfeitamente possível. Podemos dizer que esses últimos dados seriam enquadrados no tipo I, diferindo dos demais do mesmo tipo somente pelo fato de apresentarem o antecedente sem artigo.

Conforme o constatado, vejamos, então, no que esses dois fenômenos diferem:

- A elipse de VP necessita da presença de elementos como - *não, sim, também, também não*;
- A elipse de VP parece aceitar verbos relacionados semanticamente, como *perceber/receber* em (41):

(41) — ... como vereador no primeiro mandato percebiam apenas remuneração os vereadores das capitais dos Estados. Os demais municípios não *recebiam* 0. (42/21) (1 ocorrência)

- O objeto nulo, ao contrário, não necessita da presença de elementos como - *não, sim, também não...* - nem de verbos idênticos.

Em resumo:

- o pronome clítico de 3ª pessoa está desaparecendo sendo substituído por pronome tônico, principalmente com antecedente [+animado], e pelo objeto nulo;
- o objeto nulo não é homogêneo. No PB, o objeto nulo anafórico pode ter várias classificações, dependendo do antecedente: - com antecedente [+específico] tem estatuto de *pro*; com antecedente [-específico] parece tratar-se de uma elipse de VP.



## CAPÍTULO III

## As realizações do objeto direto anafórico de 3ª pessoa

## 0 Introdução

Neste capítulo, submeteremos as variantes do objeto direto co-referente com um SN anteriormente mencionado no discurso a vários fatores lingüísticos e sociais que, segundo hipóteses levantadas, devem condicioná-las. De acordo com trabalhos anteriores a animacidade do antecedente é o fator lingüístico que mais influência tem na escolha da variante usada; porém estas pesquisas foram realizadas em áreas lingüísticas que não tiveram influência açoriana direta como: Rio de Janeiro (Omena, 1978) e São Paulo (Duarte, 1986). Colocamos, então, a questão: O PB açoriano falado em Florianópolis teria tendência a acompanhar as mudanças ocorridas no restante do Brasil?

O total de dados coletados do *corpus* tem sua distribuição conforme tabela 2 abaixo:

(1)

variante	ocorrências	%
clítico	13	1
objeto nulo	691	54
pronome reto	116	9
SNs	460	36
pronome <i>lhe</i>	2	0
<b>TOTAL</b>	<b>1282</b>	<b>100</b>

Tabela 2.

Total de dados distribuídos conforme as variantes usadas.

Observamos, na tabela acima, que os resultados são semelhantes aos obtidos por Duarte (1986). Há, no entanto, algumas diferenças: menor número de ocorrências de clíticos e maior frequência no uso de SNs. Incluímos uma série de dados de objeto genérico anafórico (ver capítulo II).

Partimos da tabela 2 que inclui todos os dados do *corpus*. Atentamos para o fato de que os 691 casos de objeto nulo juntamente com os 460 casos de SNs incluem os dados que apresentam objeto genérico. A propósito de recapitulação do que foi dito no capítulo II, temos dois tipos distintos de objeto direto anafórico:

- objeto direto I, aquele que admite clítico e demais variantes em sua representação anafórica, por exemplo:
 

(2) Então ela foi na frente de Nossa Senhora, e tirou [a]- a roupa de freira que ela estava, de noviça, *deixou*  $\emptyset$  ali e saiu para o mundo. (1344/11)(1 ocorrência)
- objeto direto II, aquele que parece só permitir ser retomado por objeto nulo ou pelo próprio SN antecedente. Veja exemplos:
 

(3) — ... elas tomavam chá, né? mas depois [de]- da criança formada, três meses em diante, não *tomavam*  $\emptyset$  mais. (977/8) (1 ocorrência)

(4) — Eu digo, até, às vezes, em roda com amigos, que antes do Plano, o particular é que tinha dinheiro. Hoje é ao contrário: o particular não *tem* **dinheiro** ... (450/21) (1 ocorrência)

Os casos de objeto genérico se caracterizam, na codificação utilizada, pelo cruzamento de [+genérico] com sem artigo. Feita a divisão proposta e a retirada dos dados com pronomes clítico e *lhe* obtivemos o resultado apresentado na tabela 3.

(5)

VARIANTE	Nº de ocorrências
objeto direto I	1 027
objeto direto II	240

Tabela 3.

Total de dados incluindo casos de objeto genérico.

A partir dos resultados obtidos nas tabelas 2 e 3 foram tomadas as seguintes medidas:

- o pequeno número de pronome clítico e do *lhe* não é representativo para o nosso trabalho e por isso estes dados serão vistos em separado;
- esta pesquisa tem como um dos seus propósitos estudar também o objeto classificado como tipo II e por isso faremos esta análise separadamente.

Na seção 1, apresentaremos ocorrências de clítico encontradas no *corpus*, bem como casos de pronome *lhe* usado como objeto direto. Em 2, será feita uma análise dos casos especiais de objeto genérico. Haverá um desmembramento dos dados com antecedente [-genérico] de um lado e [+genérico], por isso a análise dos fatores lingüísticos que influenciam no uso das variantes do objeto direto anafórico (tipo I) começará a ser apresentada na seção 3 e terminará na seção 5. Na seção 4, serão analisados os casos de objeto direto tipo I que apresentam antecedente [+genérico] ou sentença. Em 6, faremos o estudo extra-lingüístico das variantes. E por último a conclusão.

## 1 Pronome clítico acusativo e pronome *lhe*.

Os dados em que aparecem clíticos são em número pequeno para serem analisados em conjunto com os demais. Isto contraria a nossa expectativa pois supúnhamos que o falar açoriano de Florianópolis ainda mantivesse um pouco esta característica sintática, mesmo em se tratando de um *corpus* obtido em área urbana e não em comunidades açorianas mais isoladas, que segundo nossa hipótese apresentariam um falar mais conservador.

Outras hipóteses foram levantadas com relação a esta variante:

- o uso do clítico está condicionado à natureza do verbo, no caso, tempo simples e infinitivo, incluindo locução infinitiva,

- o uso do clítico está condicionado ao traço [+animado} do antecedente,
- esta variante é mais usada em estruturas simples, isto é, SVO.

Passamos a arrolar os dados de clítico, na íntegra:

- (6) a. — [Às vezes]- às vezes, a mãe ia junto. Quando ela pegava mais [ma]- uma confiança no namorado, quando ela via que realmente- Porque eles sabiam quando a gente entrava em casa deles e conversava com eles, eles iam tomando balanço da gente, né? A gente vê [quem] era o sujeito, quem não era, como é que ele procedia, como é que, tal. Eles {"espiavam"} se havia liberdade de *deixá-la* um pouco mais à vontade com ele ou não. (710/04) (1 ocorrência)
- b. — E também aconteceu um caso na universidade, com uma funcionária, que não vou revelar o nome dela, que estava prestes a operar o cérebro dum tumor, e um amigo nosso *foi visitá-la* ali no Servidores... (436/16) (1 ocorrência)
- c. — E dei um livro que eu ganhei dum amigo meu em São Paulo e ele levou pra *lê-lo*. (803/16) (1 ocorrência)
- d. — Eles entraram [na]- ali, dependendo do tempo. Se não desse de entrar na [baía]- {hes} Baía Sul, eles vinham pra Baía Norte, mas não ficavam aqui, ficavam lá no {inint}, sabe? Então vinha uma lancha pegar os passageiros, aqui nesse trapiche da Esteves Júnior para *levá-los* lá [no]- no navio, lá, tá? (1070/24) (1 ocorrência)
- e. — Então o meu tio, Moacir, que era irmão do meu pai, e pai dela, aí [chamou]-me chamou: "Maurício, tu trabalhas no SESI das sete a uma da tarde e tal, será que à tarde, tu não podias {hes} ficar com a Maria Helena, {a} {hes} *ajudá-la* a subir novamente, ver [se]- se ela [não]- não coisa? (498/23) (1 ocorrência)
- f. — Não, ele estudava no mesmo grupo. Mas eu que nunca *queria acompanhá-lo*, né? (116/18) (1 ocorrência)

- g. — O pai era advogado {e}- aqui de Florianópolis, e namorou com a minha filha dois anos. Tiveram a menina e ele não se interessou, depois, de casar. Atualmente, ele não tem muito interesse, né? Não *tem vindo procurá-la*. (121/11) (1 ocorrência)
- h. — E teve a minha filha de dezoito anos que faleceu. Uma [morte]- morte trágica, né? porque ela se matou. ... Ela deu um tiro no coração por causa do namorado. O rapaz que ela amou desesperadamente, porque ele também *a amava* muito. (141/11) (1 ocorrência)
- i. — [E]- é pensã o do INPS. Ele i nclusive não tinha aposentadoria. Eu que procurei o INPS [na]- quando ele estava doente pra ver se a gente *conseguia aposentá-lo*, né (284/11) (1 ocorrência)
- j. — De repente eu me vejo, assim, obrigada a ter que enterrar a minha filha, a *entregá-la* a Deus, né? (383/11) (1 ocorrência)
- l. — A Ana Paula tem muito problema {"de"} matemática. Terrível, não sabe dividir. Eu *vou ensiná-la*. (461/11) (1 ocorrência)
- m. — No começo, eu fiquei muito, assim, preocupada com o rapaz. E também não *queria aceitá-lo*, porque foi difícil, né? (681/11) (1 ocorrência)
- n. — Inclusive eu gosto de fazer muitos pratos variados. Apesar que eu não gosto de *comê-los*. (929/11) (1 ocorrência)

Apesar de o número de dados ser realmente insuficiente para uma análise apurada, podemos especular as variáveis que influenciam no uso desta variante. Parece que realmente nossas expectativas fazem sentido.

Quanto à natureza morfológica do verbo esta variante teve a seguinte distribuição:

- 1 ocorrência - tempo simples (verbo finito);
- 6 ocorrências - locução infinitiva;
- 6 ocorrências - infinitivo.

Tal resultado parece corresponder ao esperado. Das 13 ocorrências de clítico, 12 foram licenciadas por verbo no infinitivo ou locuções infinitivas. Como vimos, no capítulo II, Nunes (1993) propõe que, nestes casos, a sílaba desses clíticos tenha um *onset* subjacente. O PB não conservou o /l/ dos demonstrativos latinos dos quais se originaram os clíticos acusativos de 3ª pessoa diferenciando-se das demais línguas românicas. Assim, as formas *o(s)* e *a(s)* surgiram mas, devido à assimilação das terminações /s/ e /r/ dos verbos nos quais o clítico se apoia, o *onset silábico* emerge. Por exemplo:

- a. ver + o > vê-lo
- b. fizemos + o > fizemo-lo
- c. fizeram + no > fizeram-no

Lembramos que tanto a. quanto b. e c. existem em PE e somente a. parece ser ainda um dos últimos ambientes em que o clítico sobrevive no PB.

Também o traço [+animado] do antecedente parece propiciar o uso do clítico - 11 ocorrências contra 2 ocorrências com o traço [-animado]. Bases teóricas sobre este fenômeno foram trabalhadas por Cyrino (1994) e são citadas no capítulo II.

No que se refere ao tipo de verbo temos:

- 8 ocorrências com verbo transitivo;
- 2 ocorrências com verbo bitransitivo circunstancial, e,
- 3 ocorrências com verbo bitransitivo.

Todas as ocorrências de clítico foram retomadas de SNs, devido, conforme visto no capítulo II, ao desaparecimento do “clítico neutro”<sup>1</sup>. O uso do clítico parece ligado à estrutura simples (SVO), 7 ocorrências, o que confirma nossas expectativas.

<sup>1</sup> Conforme Cyrino (1994), no PB não temos mais a opção “clítico neutro”, como acontece ainda no PE, e sim um vazio. Em seus dados do século XX nenhum caso de “clítico neutro” foi encontrado.

Os 2 únicos dados que contêm o clítico *lhe* usado como objeto direto são os seguintes:

- (7) a. — Eu acho que não é o você conversar e dar o afeto que *venha lhe prejudicar*. (598/2) (1 ocorrência)
- b. — Olha, tem uma equipe em São Paulo, lá, do Professor Odair Pedroso, se for necessário nós *podemos lhe mandar* pra São Paulo fazer o curso. (267/21) (1 ocorrência)

Ambas as ocorrências possuem traços: [+animado], [+definido], [-genérico]. São licenciados por uma locução infinitiva transitiva e são co-referentes com um SN. O primeiro caso encontra-se em uma estrutura simples e o segundo em uma estrutura complexa com verbo causativo.

Os poucos dados obtidos no *corpus* reforçam a tese do desaparecimento do clítico acusativo de 3ª pessoa. O único caso de próclise, exemplo (6 h.) é previsível uma vez que temos um verbo finito. Nos demais, o fato de o verbo estar no infinitivo é importante pois temos aí uma questão morfológica além de fonológica, (ver capítulo II).

## 2 Objeto direto anafórico tipo II

Como foi mencionado anteriormente estes dados se distinguem dos demais por apresentarem duas características próprias: têm antecedente com o traço [+genérico] e não apresentam determinante.

O *corpus* analisado nos forneceu um total de 240 dados com este tipo de objeto direto. A distribuição entre as duas variantes que aparentemente podem representá-lo é a seguinte:

(8)

objeto nulo		SNs		TOTAL
ocor.	%	ocor.	%	ocor.
111	46	129	54	240

Tabela 4.

Distribuição dos dados de objeto direto II entre as variantes possíveis.

Dos 240 casos deste tipo, 129 são retomados por SNs os demais por objeto nulo. A análise que faremos aqui segue a sequência dada na introdução desta pesquisa, no envelope de variação, salvo aqueles grupos de fatores que apresentam uma só variável como é o caso de definitude do antecedente e referencialidade do antecedente.

### 2.1. Natureza semântica do referente

O primeiro grupo de fatores a ser apresentado é o semântico, o traço [ $\pm$ animado] do antecedente. Como vimos no capítulo II, o pronome clítico é representado pelo pronome tônico quando o antecedente é [+animado] e pelo objeto nulo quando o antecedente é [-animado]. Levando em conta esta afirmação e o fato de que nestes dados o pronome tônico não teve representação, propomos que o traço [-animado] do SN co-referente é fator de influência no uso das duas variantes. Observe os exemplos:

- [-animado]
- (9) — Ele nunca faltou serviço. Eles têm até o esquema de dar prêmio pra quem não *falta* *0*, né? Desculpa. [Ele]- toda vida *ganhou* *0*, porque ele nunca *faltou* *0*. (1295/20) (2 ocorrências)
- [+animado]
- (10) — [Ah! {"mas"}] olha, eu nunca tive filhos estudando lá, porque eu não tinha menina, né? mas eu acho que se *tivesse* *0*, não *botaria* *0* lá. (784/24) (2 ocorrências)



O resultado é apresentado na tabela 5.:

(11)

	ob. nulo	%	p.r.	SNs	%	p.r.	TOTAL
[+animado]	5	63	.69	3	38	.31	8
[-animado]	106	46	.49	126	54	.51	232
<b>TOTAL</b>	<b>111</b>	<b>46</b>		<b>129</b>	<b>54</b>		<b>240</b>

Tabela 5.

Distribuição das variantes segundo o traço [± animado] do antecedente.

O que os resultados da tabela 5 mostram é que animacidade parece não influenciar no uso das três variantes em estudo. Apesar de o objeto nulo em ambiente [+animado] apresentar .69 de peso relativo os dados são poucos para confirmar a regra. Enquanto que os resultados das duas variantes em contexto [-animado] são muito próximos. Tudo isto pode significar que, para a realização do objeto genérico, ter um elemento mais ou menos animado não interfere na retomada deste tipo de expressão.

## 2.2 Natureza morfológica do verbo

A morfologia verbal teve grande influência no uso do clítico, como vimos em 1. Vejamos se este grupo de fatores influencia também no uso destas duas variantes. Observe exemplos:

- tempo simples

(12) — Eu sinto revolta até hoje. Na verdade eu *tenho* bastante *revolta*, assim de ter sido dada assim que nem cachorro. (92/03) (1 ocorrência)

- infinitivo

- (13) — Que, também, não se pode botar empregado na rua sem ver a causa da coisa. Chegar e *botar 0* na rua, por quê? (881/4) (1 ocorrência)

- locução verbal com infinitivo

- (14) — Em casa era carne, peixe. {Se} pescava, também, siri debaixo da ponte, como é, tinha um trapiche, nós *íamos pegar siri*, aos domingos, sábado à tarde. (302/10) (1 ocorrência)

- locução verbal com gerúndio

- (15) — Filminho de televisão da Pantera Cor de Rosa, amava, como *continuo amando 0* até hoje. Adoro. (156/1) (1 ocorrência)

- tempo composto

- (16) — E ele, porque eu gostava muito de bola e ele não dava bola pra mim, então eu roubava bola dos outros garotos. Aí os vizinhos iam fazer queixa que eu *tinha roubado bola*. (1036/18) (1 ocorrência)

Observaremos, agora, como a retomada de objeto genérico se comporta em relação a este grupo de fatores:

(17)

	ob.nulo	%	p.r.	SNs	%	p.r.	TOTAL
tempo simples	77	48	.53	83	52	.47	160
infinitivo	15	50	.57	15	50	.43	30
loc.c/infinitivo	16	39	.44	25	61	.56	41
loc.c/gerúndio	2	40	.53	3	60	.47	5
tempo composto	1	25	.01	3	75	.99	4
TOTAL	111	46		129	54		240

Tabela 6.

Distribuição das variantes conforme a morfologia do verbo.

Olhando para os percentuais observamos que as duas variantes apresentam mesmo comportamento quando licenciadas por verbos no tempo simples, infinitivo e locução com gerúndio. Quanto ao uso de SNs, constatamos um acréscimo em locuções infinitivas.

Em resumo, conforme os resultados obtidos, podemos afirmar que em estruturas com tempo simples, infinitivo e locução com gerúndio a escolha das duas variantes parece ser aleatória. Entretanto o uso do objeto nulo tende a ser um pouco inibido na presença de locução infinitiva. Quanto ao tempo composto, devido à escassez de dados, não podemos fazer afirmações.

### 2.3 Tipo de verbo

Este grupo de fatores parece ser importante para a realização das duas variantes, uma vez que dependendo do tipo da regência do verbo teremos estruturas simples ou complexas. Vamos conferir os exemplos:

- verbo transitivo direto

(18) — Porque eu gosto muito de festa de aniversário de criança, eu *adoro* *0*.  
... Já decidi que não *vou fazer* *0* novamente. (509/20) (2 ocorrências)

- verbo bitransitivo

(19) — E ele , porque eu gostava muito de bola e ele não *dava bola* pra mim, então eu *roubava bola* dos outros garotos. (1036/18) (2 ocorrências)

- verbo bitransitivo circunstancial

(20) — Que, também, não se pode botar empregado na rua sem ver a causa da coisa. Chegar e *botar 0* na rua, por quê? (881/04) (1 ocorrência)

Observemos o resultado na tabela 7.:

(21)

	ob.nulo	%	p.r.	SNs	%	p.r.	TOTAL
<b>transitivo</b>	54	43	.46	73	57	.54	127
<b>bit.circunstancial</b>	23	72	.70	9	28	.30	32
<b>bitransitivo</b>	34	42	.48	47	58	.52	81
<b>TOTAL</b>	111	46		129	54		240

Tabela 7.

Distribuição das variantes conforme o tipo de verbo.

A tabela 7 mostra, através de seus resultados, que este grupo de fatores apresenta importância na medida em que *verbo bitransitivo circunstancial* condiciona o uso de objeto nulo (.70). Verbo transitivo e verbo bitransitivo não têm força para condicionar o uso de uma ou de outra variante.

## 2.4 Estrutura sintática em que a variável se encontra

O tipo de verbo mostrou ser influente para a realização das variantes em estudo. Levando-se em conta que o tipo de verbo influencia no tipo da estrutura sintática, podemos dizer que a estrutura em que a variante se encontra é importante para nossa

análise. Além disso, ao rodarmos as probabilidades, o programa VARBRUL selecionou este grupo de fatores.

Inicialmente ao montarmos o envelope de variação sob o rótulo estrutura simples estão estruturas com verbos transitivos, bitransitivos e bitransitivos circunstanciais. Vamos desmembrar este fator em três, conforme a transitividade verbal, pois será também uma maneira de encontrarmos explicação para os resultados da tabela 7. Sob a denominação estrutura simples temos, então, estruturas com verbo transitivo. Além disso, para constataremos se a manifestação fonética de constituintes, nas estruturas com dois complementos, influencia o preenchimento ou não, vamos manter uma distinção com o fato de o segundo complemento estar expresso ou não. Vejamos os exemplos e o resultado na tabela 8.:

- estrutura simples

- (22) — Eu adorava baile. Toda vida *adorei* *0*. Passava a manhã. E no tempo que não tinha baile, não tinha esse negócio, era mais era cinema, futebol, mesmo, bola [{adv-}]- Adorava uma bola. (310/04) (1 ocorrência)

- estrutura com small clause com adjetivo

Small clause (SC) também são chamadas de pequenas orações ou mini-orações.

- (23) — [Gostava] ler gibi, ih! Adorava, passava. Isso aí era uma. Adorava, adorava, adorava, adorava - Não gostava de livro de história infantil sempre *achava* *0* muito tolo. Mas [gostava] de ler gibi. Eu adorava. Tinha um monte. Vivia lendo isso. (148/1) (1 ocorrência)

- estrutura com complemento indireto elidido

- (24) — Aí foi definitivo. Aí até que ele teve um acidente. Aí [ele]- [ela não estava mais dando]- no começo, ele estava ajudando, assim [da]- dando

dinheiro todos os meses direitinho. Depois [ele começou a fazer sacanagem em mim]. Um mês *dava 0*, um mês não *dava 0*. (845/3) (2 ocorrências)

- estrutura com complemento direto e indireto

(25) — Se ela recebia dinheiro, ela me *dava dinheiro*, se eu recebia dinheiro, eu *dava 0* pra ela. (1068/3) (2 ocorrências)

- estrutura com complemento direto e locativo

(26) — Que, também, não se pode botar empregado na rua sem ver a causa da coisa. Chegar e *botar 0* na rua, porquê? (881/4) (1 ocorrência)

- estrutura com complemento locativo elidido

(27) — ..., tu podes colocar salame ou não. ...Mas, também, se não quiser, também não *precisa colocar 0* que a salada fica ótima do mesmo jeito sem salame. (603/1) (1 ocorrência)

(28)

	ob.nulo	%	p.r.	SNs	%	p.r.	TOTAL
estrutura simples	52	42	.48	72	58	.52	124
estr. c/SC c/ adjetivo	2	67	.99	1	33	.01	3
estr.c/comp.dir/ind.	6	19	.23	25	81	.77	31
estr.c/comp.ind.elid.	28	56	.65	22	44	.44	50
estr.c/ locativo	15	68	.50	7	32	.50	22
estr.c/loc.elidido	8	80	.63	2	20	.37	10
TOTAL	111	46		129	54		240

Tabela 8.

Distribuição das variantes conforme a estrutura sintática da frase.

Estrutura simples, segundo os pesos relativos, não interfere no uso das duas variantes. O contrário é mostrado quando a estrutura apresenta complementos direto e indireto: se o segundo complemento estiver presente na estrutura, há um favorecimento no uso de SNs (.77), mas se este complemento estiver elidido, há uma tendência ao uso do objeto nulo (.65). O mesmo não ocorre em relação à estrutura com locativo, estando ou não o locativo foneticamente realizado, temos maior uso do objeto nulo, o que frustra nossa expectativa de que haveria relação entre o preenchimento ou não do segundo complemento e da variante do objeto genérico anafórico.

## 2.5 Paralelismo formal

O grupo de fatores discursivos, isto é o paralelismo formal, está dividido em três elementos condicionantes. O primeiro controla a ocorrência de variável isolada. O segundo as ocorrências de variável precedida de mesma variável. E o último a ocorrência de variável antecedida por variável diferente. Para este controle estipulamos o máximo de cinco orações entre as variantes. As ocorrências foram codificadas independente do antecedente ser o mesmo ou não. Vamos aos exemplos:

- ocorrência isolada da variável

(29) — E as pessoas que aparecem na porta, né? Sempre pedindo, [ {a-} ]- eles pedem comida, eu *dou*  $\emptyset$ . (1154/15) (1 ocorrência)

- variante precedida de mesma variante

(30) — Agora, no momento, [eu]- não gosto. Não gosto porque de primeiro eu *achava*  $\emptyset$  alegre e hoje eu *acho*  $\emptyset$  triste. (550/11) (2 ocorrências)

- variante precedida de variante diferente

(31) — Porque a minha filha *adorava música*, adorava. (552/11) (1 ocorrência)

**OBS:** Os exemplos (30) e (31) formam um só exemplo de paralelismo mostrando dois diferentes fatores deste grupo condicionador.

Os resultados são apresentados na tabela abaixo:

(32)

	ob.nulo	%	p.r.	SNs	%	p.r.	TOTAL
1-ocor.isol. da var.	64	47	.50	71	53	.50	135
2-var.prec.mesma var.	31	50	.54	31	50	.46	62
3-var.prec.var.difer.	16	37	.43	27	63	.57	43
<b>TOTAL</b>	<b>111</b>	<b>46</b>		<b>129</b>	<b>54</b>		<b>240</b>

Tabela 9.

Distribuição das variantes quanto ao paralelismo formal.

Constamos que aparentemente o fator discursivo não exerce grande influencia no uso das variantes em ocorrências isoladas ou quando precedidas de variáveis iguais, pois o uso tanto de objeto nulo quanto de SNs se mantém em equilíbrio. O que modifica este quadro é o fator 3, isto é, variante precedida de variáveis diferentes, neste caso ocorrências de SNs são mais freqüentes.

Conforme os resultados, este grupo de fatores não tem influência significativa no uso das duas variantes. Isto quer dizer que a repetição de uma ou de outra variante é aleatória, excluindo-se os casos de SNs antecidos de variantes diferentes.

Resumindo esta análise, observamos que o uso das variantes do objeto genérico anafórico está condicionado à estrutura sintática em que se encontra e que SNs ocorrem com mais freqüência quando precedidos de variáveis diferentes. A seguir cruzaremos, então, estrutura sintática com paralelismo.



## 2.6 Cruzamento entre os dois grupos de fatores mais significativos.

Conforme a análise acima, a estrutura sintática em que a variável se encontra mostrou ser o grupo de fatores que mais exerce influência no uso das duas estratégias do objeto genérico anafórico - objeto nulo e SN pleno.

Uma observação a ser feita é que pelo fato de termos desmembrado o grupo de fatores estrutura sintática em que a variável se encontra, não será necessário fazermos o cruzamento com o grupo de fatores tipo de verbo, que também se mostrou importante. Passemos à tabela:

(33)

		est.simp.		SC c/adj.		com.d.ei.		comp.i.el.		com.loc.		com.l.eli.		TOTAL	
paral.for.	variantes	ocor.	%	ocor.	%	ocor.	%	ocor.	%	ocor.	%	ocor.	%	ocor.	%
1.	ob. nulo	32	46	1	100	3	19	16	57	7	58	5	71	64	47
	SNs	38	54	0	0	13	81	12	44	5	42	2	29	71	53
2.	ob. nulo	14	47	1	100	1	11	8	62	5	71	2	100	31	50
	SNs	16	53	0	0	8	89	5	38	2	29	0	0	31	50
3.	ob. nulo	6	25	0	0	2	33	4	44	3	100	1	100	16	37
	SNs	18	75	1	100	4	67	5	56	0	0	0	0	27	63
TOTAL	ob. nulo	52	42	2	66	6	19	28	56	15	68	8	80	111	46
	SNs	72	58	1	33	25	81	22	44	7	32	2	20	129	54
	Total	124		3		31		50		22		10		240	

Tabela 10.

Distribuição das variantes segundo estrutura e paralelismo.

O resultado desta tabela veio ao encontro dos já obtidos. Em estruturas simples (estruturas com verbo transitivo), há uma tendência ligeiramente maior ao preenchimento da posição de objeto direto anafórico, isto é, da repetição do SN antecedente. Este fato fica mais visível quando uma variante diferente precede uma das duas variantes do objeto genérico (objeto nulo=25%, SN=75%).

Considerando as estruturas com dois complementos, percebemos que, quando o objeto indireto está elidido, há uma maior incidência de casos de objeto nulo se precedido de mesma variante. E quando este complemento está expresso, o uso de SNs é bem maior. Isso nos leva a pensar em uma certa regra que relacione o segundo complemento do verbo à variante usada - complemento ausente foneticamente/objeto nulo, complemento expresso/SNs. Mas, ao observarmos o fator estrutura com complemento locativo, constatamos que nossa proposta foi refutada. Este tipo de estrutura favorece o objeto nulo, independente de o complemento ser ou não audível.

### 3 Objeto direto anafórico tipo I

Iniciaremos a análise do objeto direto anafórico com antecedente [+específico]. Para tanto utilizaremos os 1.027 dados que restaram depois de termos separado os dados com pronome clítico e *lhe* (15 dados), e aqueles que apresentam antecedente com os traços [+genérico] e sem artigo, isto é, os dados de objeto genérico (240 casos ao todo).

#### 3.1 Natureza semântica do referente.

O primeiro grupo de fatores condicionadores a ser estudado é o semântico - traço [ $\pm$ animado] do antecedente, pois Duarte (1986) mostrou que este é um dos fatores que mais influência tem na escolha da variante a ser usada. Segundo pesquisas como a de Cyrino (1990), o traço [+animado] do antecedente condiciona ocorrências de pronome e o traço [-animado] o uso de objeto nulo. Observe os dados:

- [-animado]

(34) “Não, mas agora temos uma carta aqui e *vamos ler esta carta*.” Aí ele *nos deu a carta* pra todos nós *lermos 0* e aí -ruído- desmentimos o camarada, né? (553/12) (3 ocorrências)

- [+animado]

(35) — Aí ele disse que tudo que eu precisasse, financeiramente, eu *podia procurar ele*, né? (146/20) (1 ocorrência)

Na tabela 11, podemos observar a atuação deste fator na ocorrência das três variantes em questão:

(36)

	ob.nulo % p.r.			pron. % p.r.			SNs % p.r.			TOTAL
[-animado]	423	63	.43	6	1	.07	244	36	.49	673
[+animado]	157	44	.12	110	31	.76	87	25	.11	354
TOTAL	580	56		116	11		331	32		1027

Tabela 11.

Distribuição das variantes segundo a natureza semântica do referente.

Estes resultados confirmam as hipóteses levantadas. Como podemos observar o ambiente [+animado] é o lugar privilegiado para a ocorrência do pronome.

O traço [-animado] exerce certa influência no uso do objeto nulo e de SNs, na medida em que o pronome apresenta peso relativo muito baixo (.07). Constatamos, então, que ambas as estratégias de preenchimento da posição de objeto direto anafórico - pronome tônico e SNs - se distinguem pela animacidade.

A variante SN parece igualar-se à variante objeto nulo quanto aos pesos relativos, em ambientes [- animado] o objeto nulo apresenta .43 e SNs .49, e em ambiente [+ animado] o primeiro apresenta .12 e o segundo .11.

Conforme vimos, há uma forte inibição do pronome em contexto [- animado], e favorecimento quando em [+ animado]. Este resultado vem confirmar estudos anteriores como o de Duarte (1986) e Galves (1990). Estas pesquisas apontam para uma mudança que está acontecendo no PB: com a queda do clítico, sua posição está sendo ocupada pelo

pronome tônico quando o antecedente apresenta traço [+animado] e pelo objeto nulo quando o antecedente é [-animado].

### 3.2 Definitude do antecedente.

Devido à heterogeneidade dos dados no que tange à definitude, nos servimos de seis variáveis para esta análise. Estas, pelas suas distribuições, podem ser classificadas em dois grupos distintos: sem artigo, demonstrativo neutro, sentença e ambíguo de um lado, e [+definido] e [-definido] de outro. Esperamos obter, como resultado desta análise, uma incidência maior de objeto nulo do que de SNs em ambientes que compõem o primeiro grupo acima mencionado. Confira os exemplos e a seguir os resultados:

- demonstrativo neutro - isso/aquilo

(37) — Não avó, [mas é]- isso aí é coisa que minha mãe mandou perguntar se tu não *ligas de pagar 0* pra mim. (885/7) (1 ocorrência)

- sentença

(38) — ... quem era pobre. Vivia pobre, se conformava com aquilo que tinha, não tinha ambição, né? porque sabia que [a gente não podia]- certas coisas não se podia ter, naquela época, né? mas eu acho que o povo era mais feliz. É eu *acho 0*. (700/15) (1 ocorrência)

- ambíguo

Denominamos de ambíguo, o antecedente que tanto pode ser uma sentença quanto ter sua referencialidade construída no discurso.

(39) E. — E alguém te ajuda no trabalho doméstico?

I: — Olha, infelizmente, [ não ]

E. — [ Não ] Nem as filhas nem o maridão?

I: — [ Não ] Só tem uma faxineira, né? Se elas *escutarem isso*, ficarão apavoradas, porque lá uma vez ou outra, uma lava a louça, lá uma vez ou outra, .(886/11) (1 ocorrência)

• [+definido]

Caracterizamos como definidas palavras como: pronomes pessoais, nomes próprios e palavras precedidas por artigo definido, segundo a categorização de Du Bois (1980). Além disto consideramos como definidas palavras plurais e plurais com numerais.

- (40) — Eu, sozinho dentro do barco. Aí *consegui*, então, *trazer o barco* e [botei na]- *encostei 0* e tal, e eles aí saíram e tal. (124/13) (2 ocorrências)

• [-definido]

- (41) “[É da]- é a polícia.” nós, então, saímos correndo, atravessamos uma cerca de um metro e meio, mais ou menos, [por {ca-}]- todo mundo *pulou [a]- a cerca* de um metro e meio de arame farpado, e fomos sair lá na Praia de Fora. (17/13) (1 ocorrência)

(42)

	ob.nulo	%	pron.	%	SNs	%	TOTAL
demons.neutro	4	67	0	0	2	33	6
sentença	86	83	0	0	18	17	104
ambíguo	8	62	0	0	5	38	13
[+definido]	371	52	106	15	234	33	711
[-definido]	111	58	10	5	72	37	193
TOTAL	580	56	116	11	331	32	1027

Tabela 12.

Distribuição das variantes conforme a definitude do antecedente.

Os resultados mostram que antecedentes [ $\pm$ definido] são representados pelas três variantes em posição de objeto direto. Por este motivo tornam-se o ponto central da análise deste grupo. O mesmo não acontece nos outros ambiente - demonstrativo neutro, sentença e ambíguo - onde o pronome tônico não ocorre (e o clítico também não, como vimos anteriormente).

Como, aparentemente, parece haver dois contextos diferentes para a variação: um que permite o pronome tônico e outro em que ele não ocorre, redefiniremos os fatores da seguinte maneira:

- demonstrativo neutro, sentença e ambíguo foram reunidos e classificados como uma só variável - sentença;
- as demais variáveis continuam intactas de acordo com o que será apresentado na tabela 12.1.

(43)

	ob.nulo	%	p.r.	pronome	%	p.r.	SNs	%	p.r.	TOTAL
sentença	98	80	.45	0	0		25	20	.33	123
[+definido]	371	52	.27	106	15	.40	234	33	.32	711
[-definido]	111	58	.27	10	5	.41	72	37	.31	193
<b>TOTAL</b>	<b>580</b>	<b>56</b>		<b>116</b>	<b>11</b>		<b>331</b>	<b>32</b>		<b>1 027</b>

Tabela 12.1.  
Redefinição da tabela 12.

Se compararmos os resultados na vertical, constatamos que o objeto nulo apresenta, em termos de peso relativo, dois grupos distintos: por um lado quando o antecedente é sentença, e por outro quando o ambiente é [ $\pm$ definido]. Neste caso o que pode estar em jogo é a referencialidade do antecedente: [ $\pm$ definidos] são mais referenciais e sentença são menos referenciais.

Voltando-nos para uma leitura horizontal dos resultados, vemos que o fator definitude não é significativo para a escolha entre SNs e objeto nulo, uma vez que o objeto

nulo apresenta .27 de peso relativo em ambos os ambientes - [+definido] e [-definido] - e SNs .32 e .31, respectivamente. Mas observamos que é relevante para a escolha do pronome, sendo que contexto [-definido] não é propício à ocorrência de pronome tônico.

Levando-se em conta estes resultados e o fato de a animacidade ser o principal grupo de fatores condicionadores, cruzaremos definitude com animacidade. Confira o resultado na tabela 13.:

(44)

		ob.nulo		pron.		SNs		TOTAL
definitude	[±animado]	ocor.	%	ocor.	%	ocor.	%	ocor.
sentença	[+animado]	0	0	0	0	0	0	0
	[-animado]	98	80	0	0	25	20	123
[+definido]	[+animado]	142	44	102	32	76	24	320
	[-animado]	229	59	4	1	158	40	391
[-definido]	[+animado]	15	44	9	26	11	31	35
	[-animado]	96	60	2	1	61	38	159
TOTAL	[+animado]	157	44	111	31	87	24	356
	[-animado]	423	63	6	1	244	36	673
	TOTAL	580	56	116	11	331	32	1 027

Tabela 13.

Distribuição das variantes conforme definitude e animacidade.

A definitude do antecedente parece ser significativa para o uso do pronome tônico, pois, como podemos ver, em contexto [+animado] e [+definido], temos 32% dos dados preenchidos pelo pronome, e em ambiente [+animado] e [-definido], 26%.

Quanto ao uso do objeto nulo e de SNs, a definitude parece não exercer grande influência quando em ambiente [-animado], constamos que em contexto [+definido] temos 59% de casos de objeto nulo e 40% de casos de SNs e para contexto [-definido], 60% e 38%, respectivamente. Entretanto, quando o antecedente é [+animado] e [-definido] parece haver uma certa tendência ao uso de objeto nulo (44%).

O fator sentença favorece o uso do objeto nulo (80%), quando o antecedente é [-animado].

### 3.3 Referencialidade do antecedente.

Os fatores que compõem este grupo podem, a exemplo do grupo anterior - definitude do antecedente - separar-se em dois subgrupos: de um lado [+genérico] e de outro sem referente e com referencialidade construída no discurso. Esta separação deve-se aos mesmos motivos anteriores - os primeiros são representados por todas as variantes e os últimos só por objeto nulo e SNs plenos.

O pronome tônico não ocorre em ambiente [+genérico], assim somente em contexto [-genérico] teremos a representação de todas as variantes em estudo. Este é o ponto em que nossa análise, quanto à referencialidade do antecedente, é mais frutífera. Observe os exemplos:

- [-genérico]

- (45) — E também o curso de Educação Física, que eu tirei em mil novecentos e quarenta e oito, a última turma que foi formada no Estado, que é um regime de três meses. *Tirei esse curso* também, ali também fiz grandes amizades com os professores- (68/13) (1 ocorrência)

- [+genérico]

- (46) I: — Então a mamãe cozinhava, a mamãe cozinhava muito bem, então [ela]- os parentes deixaram de fazer as comidas em casa, e ...

E: — Compravam dela.

I: — *Compravam a comida.* (586/13) (01 ocorrência)

- sem referente

As retomadas de sentenças foram consideradas sem referente.



(47) — Pô, mas Deus me fez tão perfeito, porque que eu vou me sujeitar a ficar amanhã, depois, uma pessoa inútil, por culpa minha? Não, então eu vou parar com isso. Não *quero* *0* mais. - jogar bola - (325/4) (1 ocorrência)

- com referencialidade construída no discurso

(48) — Comparação, se a minha filha ficasse grávida, não casasse, se ela quisesse optar por querer tirar o filho, eu jamais ia querer, eu ia querer o meu neto. Mas uma coisa que ela não quisesse mesmo, que ela própria rejeitasse a criança, eu faria isso aí, eu levava ela lá e tirava o neném e pronto... Agora, antigamente, os pais não *admitiam isso* aí. (239/16) (1 ocorrência)

Os resultados estão na tabela 14:

(49)

	ob.nulo	%	pron.	%	SNs	%	TOTAL
[-genérico]	457	53	116	14	284	33	857
[+genérico]	30	56	0	0	24	44	54
sem referente	85	83	0	0	18	17	103
ref.const.no disc.	8	62	0	0	5	38	13
TOTAL	580	56	116	11	331	32	1027

Tabela 14.

Distribuição das variantes conforme a referencialidade.

O fato mais relevante é que o pronome tônico parece estar marcado pelo traço [-genérico].

Novamente, como foi feito na tabela 12.1., uniremos fatores. As variáveis sem referente e referencialidade construída no discurso, por não serem representadas por pronome, farão parte de uma só variável - sem referente. Com isto, esperamos um comportamento mais definido das variáveis.

(50)

	ob.nulo	%	pron.	%	SNs	%	TOTAL
sem referente	93	80	0	0	23	20	116
[+genérico]	30	56	0	0	24	44	54
[-genérico]	457	54	116	14	284	33	857
<b>TOTAL</b>	<b>580</b>	<b>56</b>	<b>116</b>	<b>11</b>	<b>331</b>	<b>32</b>	<b>1 027</b>

Tabela 14.1.  
Redefinição da tabela 14.

Em ambiente [+genérico] e sem referente, a variante objeto nulo predomina em relação a SNs. E mais uma vez se confirma que [-genérico] é o contexto em que o pronome é marcado para acontecer. A isto podemos acrescentar o fato de que o pronome tônico apresenta também os traços [+animado] e [+definido], conseguimos desta maneira delinear o comportamento do pronome face a traços semânticos, à referencialidade e à definitude.

Como vimos, na tabela acima, temos dois grupos de fatores distintos: o primeiro que não admite ser representado pelo pronome tônico - sem referente e [+genérico], e o segundo que permite ser substituído por todas as variantes - [-genérico]. Em função disto e do grupo de fatores definitude do antecedente, que também opera com esta distinção, passaremos a trabalhar somente com os dados [-genérico] que mostrou ser nosso contexto de variação específica. Para isso faremos a separação destes dois conjuntos: um com 857 dados de [-genérico] e o outro com os demais dados (170 dados). Antes de começarmos a análise de [-genérico], trabalharemos com os 170 dados de [+genérico].

#### 4 Análise dos dados com antecedente [+genérico]

Controlaremos nesta seção os 170 dados de antecedente [+genérico]. Estes casos são semelhantes aos do objeto direto anafórico tipo II, pois retomam antecedente [+genérico] com a diferença de apresentarem antecedente com determinante. Além das variantes substituírem antecedente [+genérico], retomam sentenças e referentes ambíguos.

Os grupos de fatores mais relevantes para este estudo são definitude do antecedente e sexo. Os exemplos podem ser observados na seção 2. Passemos às tabelas:

(51)

	ob. nulo	%	SNs	%	TOTAL
<b>sentença</b>	85	83	18	17	103
<b>ambíguo</b>	8	62	5	38	13
<b>[-definido]</b>	17	63	10	37	27
<b>[+definido]</b>	13	48	14	52	27
<b>TOTAL</b>	123	72	47	28	170

Tabela 15.

Distribuição dos dados conforme a definitude do antecedente.

Os dados de sentença são, preferencialmente, retomados pelo objeto nulo. Como vimos no capítulo II, o clítico “neutro” não é mais utilizado no PB desde o início deste século, conforme Cyrino (1994), o objeto nulo passa a substituí-lo. SNs são mais usuais em ambientes mais e menos definidos e ambíguo, ou seja, quando a retomada é de um SN, devido, talvez, à oposição entre sentença e SN como antecedente.

Vejamos os resultados do segundo grupo de fatores selecionado - sexo:

(52)

	ob. nulo	%	p.r.	SNs	%	p.r.	TOTAL
<b>feminino</b>	83	81	.60	20	19	.40	103
<b>masculino</b>	40	60	.35	27	40	.65	67
<b>TOTAL</b>	123	72		47	28		170

Tabela 16.

Distribuição das variantes conforme o sexo do informante.

Observamos, na tabela acima, que o sexo feminino privilegia o uso de objeto nulo, e o masculino privilegia o uso de SNs. Aparentemente não há uma razão para este resultado, vamos, então, analisar este grupo de fatores em relação à definitude do antecedente.

(53)

sexo	definitude	objeto nulo		SNs		TOTAL
		ocor.	%	ocor.	%	ocor.
Feminino	sentença	59	89	7	11	66
	ambíguo	4	57	3	43	7
	[-definido]	10	77	3	23	13
	[+definido]	10	59	7	41	17
masculino	sentença	26	70	11	30	37
	ambíguo	4	67	2	33	6
	[-definido]	7	50	7	50	14
	[+definido]	3	30	7	70	10
TOTAL	sentença	85	83	18	17	103
	ambíguo	8	62	5	38	13
	[-definido]	17	63	10	37	27
	[+definido]	13	48	14	52	27
	Total	123	72	47	28	170

Tabela 17.

Distribuição das variantes conforme sexo e definitude.

De acordo com estes resultados, observamos, numa leitura vertical, que o sexo feminino privilegia o uso de objeto nulo na retomada de sentença, principalmente, e de antecedente [ $\pm$ definido], em menor escala. Constatamos, também, que os homens fazem mais uso de SNs em contextos [+definido]. E o uso de objeto nulo, como em todos os outros grupos de fatores, é o mais freqüente em dados de ambos os sexos.

Resumindo, quanto a estes 170 casos, podemos afirmar que o objeto nulo retoma, essencialmente, sentença (83%) substituindo o clítico “neutro”. Nos demais contextos - [+definido], ambíguo e [-definido] o uso de SN é privilegiado (52%, 38% e 37%, respectivamente).

Quanto ao fator social selecionado como condicionador - o sexo - o feminino mostrou que privilegia o uso de objeto nulo e o masculino o uso de SNs, mas não conseguimos encontrar a razão para este resultado,

Ao cruzarmos os dados em relação à definitude e ao sexo, constatamos que o objeto nulo retoma mais sentença, se o informante for mulher, e SN retoma mais antecedente com traço [+definido], se o informante for homem.

## 5 Análise dos dados com antecedente [-genérico]

A partir de agora, iniciaremos o exame do nosso contexto de variação específica, isto é, dos 857 dados de retomada de antecedentes [-genérico]. Apresentaremos os grupos de fatores na sequência conforme visto no envelope de variação: natureza morfológica do verbo, tipo de verbo, estrutura sintática em que a variável se encontra e paralelismo formal.

### 5.1 Natureza morfológica do verbo.

Duarte (1986) aponta uma certa correlação entre a forma do verbo e o uso do pronome tônico: “O pronome lexical, embora aparecendo com todas as formas verbais, é mais usado com o gerúndio, o imperativo e os tempos simples..” (Duarte, 1986, p.22). Nunes (1993) propõe que o último contexto em que o pronome clítico é produtivo, no PB, é aquele que apresenta infinitivo ou locução infinitiva. Certamente não analisaremos clíticos na tabela abaixo, mas a proposta de Nunes talvez possa ser útil. Vamos conferir os exemplos:

- tempo simples

(54) — Agora, não é porque o teu filho pega uma boneca que ele vai dar travesti. Não é não. É do modo que tu *crias o teu filho* também. (1324/16)  
(1 ocorrência)

- imperativo

- (55) — Agora isso aí, da mãe criar o filho, depende da cabeça da criança, também. Porque [ele]- se ele já nasce com aquele jeito, assim uma mas {hes}, como é que se diz ali? formada, agora aquele que já vem assim: “Ah, mamãe, não sei o quê, não sei o quê”- E está acontecendo isso no lado da minha casa. E eu chamei a atenção da mãe da criança. Não *cria o teu filho* assim! (1303/16) (1 ocorrência)

- infinitivo

- (56) — E ali tinha também, ali onde construíram o Palácio do Governo, né? aquilo ali pra mim não devia ter, deviam de ter feito ali um orfanato, né? pra botar essas meninas, né? [ou então]- ou então eles tivessem construído ali uma fábrica, uma qualquer coisa pra *empregar* 0, né? (250/15) (1 ocorrência)

- locução verbal com infinitivo

Construções como *ter que* + infinitivo foram consideradas também como locuções verbais com infinitivo.

- (57) — Aqui mesmo essas crianças que já vivem aí na rua, que vivem roubando, às vezes já de pequeno, tudo. [Isso era uma]- se tivesse assim um abrigo, de menores, eles *podiam pegar essas crianças*, né? né? podiam {hes} pegar essas crianças e botar tudo no abrigo, né? [pra]- pra dar uma educação pra eles estudarem, pra eles terem uma religião, né? (483/15) (1 ocorrência)

- gerúndio

- (58) — Nada sozinha. Ela fala, sabe? [mas]- come sozinha, mas colocando no prato e *chamando*  $\theta$ , e só, mas ela pegar sem dificuldade, comer, fazer, isso não. (180/7) (1 ocorrência)

- locução verbal com gerúndio

- (59) — Que eles liberavam aqueles toquinhos de tábuas, não tem? o restante, que sobrava, pro pessoal queimar, né? Porque naquele tempo não- [Naquele tempo, fogão a gás, naquele tempo era rico|. Mesma coisa, televisão era rico, né? O meu papo ali, com {inint} então, nos sábados, eles liberavam pro cara pegar, então nós *íamos pegando*  $\theta$  de saco, lá embaixo. (166/19) (1 ocorrência)

- tempo composto

- (60) — Ela foi informar pro marido que eu *tinha agredido ela*, assim, verbalmente, né? (100/14) (1 ocorrência)

Vejamos os resultados na tabela abaixo:

(61)

	ob.nulo	%	pron.	%	SNs	%	TOTAL
tempo simples	274	53	72	14	168	33	514
imperativo	0	0	0	0	1	100	1
infinitivo	68	52	14	11	48	37	130
loc.infinitiva	98	57	19	11	56	32	173
gerúndio	4	57	2	29	1	14	7
loc.gerundiva	11	42	6	23	9	35	26
t. composto	2	33	3	50	1	17	6
<b>TOTAL</b>	<b>457</b>	<b>53</b>	<b>116</b>	<b>14</b>	<b>284</b>	<b>33</b>	<b>857</b>

Tabela 18.

Distribuição das variantes conforme a natureza morfológica do verbo.

Conforme a tabela 18, as formas verbais - imperativo, gerúndio e tempo composto apresentam um número insignificante de dados. O resultado desta tabela não se mostrou muito significativo. Assim, a partir destes resultados reuniremos as formas verbais infinitivo com locução infinitiva em um só fator, e gerúndio e locução gerundiva em outro e, ainda, uniremos os formas imperativo ao tempo simples. As demais variáveis permanecerão inalteradas. Passemos aos resultados:

(62)

	ob.nulo	%	p.r.	pron.	%	p.r.	SNs	%	p.r.	TOTAL
t.simples	274	53	.36	72	14	.26	168	33	.37	515
gerúndio	15	45	.30	8	24	.35	10	30	.33	34
infinitivo	166	55	.39	33	11	.20	104	34	.41	303
t.composto	2	33	.24	3	50	.55	1	17	.20	6
<b>TOTAL</b>	<b>457</b>	<b>53</b>		<b>116</b>	<b>14</b>		<b>284</b>	<b>33</b>		<b>857</b>

Tabela 18.1  
Redefinição da tabela 18.

Pelo que a tabela indica, o tempo verbal não é muito relevante quanto ao uso de objeto nulo e SNs, pois estas duas variantes têm pesos relativos semelhantes em todos os fatores, não se diferenciando quanto ao verbo. Mas se observarmos com mais atenção veremos que o gerúndio é um pouco relevante em relação ao uso do objeto nulo. Este fator influencia negativamente a retomada do antecedente pelo objeto nulo.

Quanto ao pronome tônico, constatamos que esta estratégia apresenta menor peso relativo nos infinitivos. Conforme Duarte (1986), Nunes (1993) e resultados apresentados, estruturas com verbos infinitivos constituem o último ambiente propício aos clíticos. É, desta maneira, possível correlacionar uma maior ou menor queda do clítico com entrada do pronome tônico. Assim, o último contexto em que o clítico é produtivo é também o último em que o uso do pronome tônico é comum. A questão pode ser também normativa, pois segundo Nunes (1993), a possibilidade de que o clítico acusativo de 3ª pessoa ainda permaneça seja devido, talvez, à educação normativa que a criança recebe na escola. E, o



pronome tônico, por ser uma variante estigmatizada, não entra em contextos especificamente de clíticos.

Ainda ao analisarmos o comportamento do pronome, constatamos que os pesos relativos entre tempo simples e infinitivo são próximos (.26 e .20, respectivamente), o que destoa é o gerúndio (.35). Procurando uma resposta para este resultado, supomos que estes casos estivessem ligados a estruturas com SC com gerúndio. Mas ao cruzarmos morfologia verbal e estrutura sintática observamos que somente 1 caso ocorreu neste tipo de estrutura, 6 ocorreram em estrutura simples e 1 em estrutura com verbo bitransitivo. Não conseguimos a explicação para este fenômeno, mas constatamos que não é algo novo, pois Duarte (1986) também obteve este resultado, quer dizer, o uso do pronome tônico é favorecido pelo gerúndio.

## 5.2 Tipo de verbo.

Os tipos de verbos a serem observados para esta análise foram - transitivo, bitransitivo circunstancial (verbo que licencia objeto direto + locativo) e bitransitivo. A distinção feita entre verbos transitivos e bitransitivos circunstanciais foi necessária levando-se em conta o complemento a ser usado, por exemplo em:

- a. *Botei a lenha no fogo.*

Verbos como *botar*, *pôr*, *colocar*, etc., prevêm como complementos um objeto direto e um locativo. Em b.:

- b. *Vi ela em casa.*

um verbo como *ver* não prevê um locativo como complemento. Classificamos este tipo de complemento como Small Clause (SC). Nas estruturas em que podemos prever uma SC o verbo será classificado como bitransitivo circunstancial, excluindo-se estruturas como: *Considerarei o réu culpado* em que a SC é previsível, mas não classificamos o verbo como

circunstancial. Quando não houver previsão de SC o verbo será denominado de transitivo direto. Veja, agora, os exemplos quanto ao tipo de verbo e na sequência a tabela 19:

- verbo transitivo.

(63) — 'Porque eles adoram a minha filha e me adoram. Mas sabes porquê, Jô? Eu nunca, assim, *maltratei eles*. (829/16) (1 ocorrência)

- verbo bitransitivo circunstancial.

(64) — ... tínhamos os famosos pelotões da saúde, [que eram]- em cada sala tinha dois ou três encarregados de verificar se os demais alunos estavam realmente limpos, [se]- como é que estava o cabelo, se ele realmente tomou banho. E eu me lembro de ocasiões a gente pegar o colega e ter que *botar 0 debaixo do chuveiro*, hã? (1087/21) (1 ocorrência)

- verbo bitransitivo

Verbo transitivo como: comprar, vender, pagar, ajudar e dar foram considerados como bitransitivos em todas as circunstâncias, pois seria impossível prevermos a transitividade destes verbos em caso de elipse.

(65) “Marli, espera aí, não joga fora essa fralda.” eu disse pra ela, “me *dá essa fralda* aqui.”(1190/23) (1 ocorrência)

(66)

	ob.nulo	%	p.r.	pron.	%	p.r.	SNs	%	p.r.	TOTAL
v.transitivo	239	49	.24	73	15	.39	173	36	.36	485
v.b.circunst.	114	59	.36	27	14	.36	51	27	.27	192
v.bitransitivo	105	58	.40	16	9	.24	60	33	.35	182
TOTAL	457	53		116	14		284	33		857

Tabela 19.

Distribuição das variantes conforme o tipo de verbo.

De acordo com o resultado da tabela 19, observamos que verbos transitivos detêm mais da metade das ocorrências computadas, e que, nesta posição, o pronome tônico é mais usado. Percebemos, também, quanto ao verbo transitivo, que se somarmos as percentagens de pronome (15%) e SNs (36%) teremos percentual muito próximo ao 49% obtido pelo objeto nulo. Em estruturas com verbo bitransitivo circunstancial, o uso do pronome tende a ser maior (14%) do que estruturas com verbo bitransitivo, o oposto do que ocorre com o uso de SNs.

Perseguindo a variante pronome tônico, submetemos esta variante a dois fatores: tipo de verbo e animacidade do antecedente, pois, segundo a tabela 11, temos 6 casos de pronome tônico com traço [-animado]. Que tipo de verbo licenciaria o pronome nestas condições? Confira na tabela abaixo:

(67)

		objeto nulo		pronome		SNs		TOTAL
	[±animado]	ocor.	%	ocor.	%	ocor.	%	ocor.
<b>v. transitivo</b>	[+animado]	89	43	67	33	49	24	205
	[-animado]	150	54	6	2	124	44	280
<b>v.b.circunst.</b>	[+animado]	41	48	27	32	17	20	85
	[-animado]	73	68	0	0	34	32	107
<b>v.bitransitivo</b>	[+animado]	27	47	16	28	15	26	58
	[-animado]	77	63	0	0	45	37	124
<b>TOTAL</b>	[+animado]	157	45	110	32	81	23	348
	[-animado]	300	59	6	1	203	40	509
	<b>TOTAL</b>	457	53	116	14	284	33	857

Tabela 20.

Distribuição das variantes segundo tipo de verbo e animacidade.

As ocorrências de pronome tônico com antecedente [-animado] só acontecem licenciadas por verbo transitivo. Quando em contexto [+animado] o uso de pronome independe do tipo de verbo, pois os percentuais obtidos entre os fatores deste grupo são muito próximos. Isto mostra que o tipo de verbo não influencia o uso do pronome em

ambientes [+animado]. Notamos, ainda, que a percentagem de objeto nulo em ambientes [-animado] tende a crescer conforme o tipo de verbo - transitivo, bitransitivo e bitransitivo circunstancial, enquanto que no caso de SNs há uma diminuição no percentual de uso.

### 5.3 Estrutura sintática em que a variável se encontra.

Duarte (1986) ao analisar a estrutura sintática da frase constatou que o uso do objeto nulo supera as ocorrências das demais estratégias, em estrutura simples, esteja retomando um SN ou uma sentença. Construções com complementos direto e indireto favorecem o uso da categoria vazia, independente de ser o antecedente uma sentença ou um SN. E estruturas complexas como as de SC, em que o objeto tem papel também de sujeito da subordinada, o preenchimento desta posição se dá, principalmente por pronome tônico (40,4%) e por clítico (6,7%) concorrendo com o objeto nulo (52,9%). Também em estrutura com verbo causativo, devido à função de sujeito da predicação que o objeto tem, o uso do pronome tônico é maior.

Como a estrutura sintática em que a variável se encontra é um dos fatores mais relevantes na pesquisa de Duarte (1986), esperamos obter maior incidência de pronome tônico em estrutura complexa, não dizendo com isso que somente esta variante é sensível a este tipo de estrutura. Abaixo, temos os exemplos extraídos do *corpus*:

- estrutura simples

(68) — Ah, a cidade de [{fo-}]- Florianópolis [estavam]- está muito aumentada, né? Cresceu muito... mas é uma cidade muito boa, [eu]- *amo Florianópolis*. (352/15) (1 ocorrência).

- SC com infinitivo

A classificação de SC infinitiva é muito contraditória, alguns autores a aceitam outros não.

(69) — Então [eu]- eu fico bem, assim, bem aborrecida quando *vejo eles falarem* [em {menor-}]- em menor que eles têm que olhar [do menor]- o menor abandonado. (503/15) (1 ocorrência)

- SC com preposição

(70) — Na semana de carnaval, eu venho do serviço e dou de cara com ele dentro de casa. Aí eu queria matar ele. Aí eu quis morrer, quando eu *vi esse João dentro de casa*. (977/3) (1 ocorrência)

- SC com adjetivo

(71) — Com passarinho [que eu]- eu não matava, precisava de gaiola, *pegava o vivo*, não tem? (249/10) (1 ocorrência)

- SC com gerúndio

(72) — Pato Donald- Queria falar igual ao Pato Donald. *Queria imitar ele falando*, mas não dava certo. (160/1) (1 ocorrência)

- SC com SN

(73) — Ah! Eu acho que não, né? [Do jeito que ele]- do jeito que está, como diz que nosso salário só vai ser aumentado em janeiro- Eu *acho isso um absurdo!* (602/9) (1 ocorrência)

- objeto indireto elidido

(74) — Ah, ela sempre dizia [que]- que a madrinha dela era- [Eu *convidei ela*, não porque ela é rica], eu *convidei ela* porque eu gostava muito dela, né? (423/16) (2 ocorrências)

- estrutura com verbo causativo

(75) — A Ana Paula quer mandar na Andreia, a Andreia não *pode deixar a Ana Paula mandar*. (456/11) (1 ocorrência)

- objeto indireto igual a sentença

(76) — Ligava o som bem alto, Né? e também eu acho que eu estou prejudicando as outras duas, realmente, porque eu *proibo 0*, às vezes, *escutar música*, né?<sup>2</sup> (553/11) (1 ocorrência)

Passemos a examinar a tabela 21:

(77)

	ob.nulo	%	pron.	%	SNs	%	TOTAL
est.simples	357	54	85	13	216	33	658
est.c/SC c/ infin.	1	25	2	50	1	25	4
est.c/SC c/ prep.	4	29	7	50	3	21	14
est.c/SC c/ adj.	0	0	0	0	1	100	1
est.c/SC c/ ger.	0	0	1	100	0	0	1
est.c/comp. i. elid.	93	55	17	10	58	35	168
est.c/ v. causativo	0	0	4	57	3	43	7
est.c/comp.i.=sent.	2	50	0	0	2	50	4
<b>TOTAL</b>	<b>457</b>	<b>53</b>	<b>116</b>	<b>14</b>	<b>284</b>	<b>33</b>	<b>857</b>

Tabela 21.

Distribuição das variantes conforme a estrutura sintática.

Podemos observar, na tabela 21, muitos fatores com poucos dados e até mesmo várias lacunas, por esta razão resolvemos fazer algumas modificações:

<sup>2</sup> Mesmo faltando a preposição *de* em *proibo, às vezes, (de) escutar música*, este complemento foi considerado como objeto indireto igual a uma sentença.

- unimos as ocorrências de estruturas com SC em uma só variável, e acrescentamos a esta variável os dados de estrutura com verbo causativo, que também são consideradas SC;
- a princípio, sob a rótulo estrutura simples se encontram estruturas com verbos transitivos, bitransitivos e bitransitivos circunstanciais, desmembraremos este fator em três conforme o tipo de verbo. Sob a denominação estrutura simples teremos somente estruturas com verbo transitivo;
- além disso, para constataremos uma possível influência no uso das variantes, no que se refere ao fato de o segundo complemento da estrutura estar elidido ou não, manteremos a distinção entre complemento expresso e complemento elidido.

Com as mudanças operadas neste grupo de fatores, esperamos obter um resultado mais significativo para nosso trabalho. Observe a tabela 21.1:

(78)

	ob.nulo	%	p.r.	pron.	%	p.r.	SNs	%	p.r.	TOTAL
est.simples	234	51	.44	59	13	.25	165	36	.30	458
est.c/SC	5	19	.16	14	52	.51	8	30	.31	27
est.c/locativo	80	63	.36	20	15	.39	28	22	.23	128
est.c/comp.dir./ind.	45	59	.35	6	8	.32	25	33	.32	76
est.c/comp.ind.eli.	59	57	.31	10	10	.37	35	34	.30	104
est.c/loc.elid.	34	53	.34	7	10	.17	23	36	.48	64
<b>TOTAL</b>	<b>457</b>	<b>53</b>		<b>116</b>	<b>14</b>		<b>284</b>	<b>33</b>		<b>857</b>

Tabela 21.1  
Redefinição da tabela 21.

Constatamos que nossos resultados se assemelham aos de Duarte (1986), conforme a introdução desta subseção. Nas sentenças com SC, em que o objeto é uma espécie de sujeito de oração, a SC, há uma preferência pelo preenchimento. Do total de 27 dados de

SC, 22 tiveram o objeto preenchido - 14 casos por pronome tônico e 8 casos por SNs. Lembramos que sob a denominação estruturas com SC estão incluídos os dados de estruturas com verbo causativo, em que, como vimos na tabela 21, o preenchimento é categórico (100% dos casos). Isto é previsível uma vez o objeto direto também exerce função de sujeito.

Em estrutura simples, o uso do objeto nulo (51%) se iguala à percentagem de SNs (36%) somada a de pronome tônico (13%), isto é, o não-preenchimento é praticamente igual ao preenchimento. Nas demais estruturas - com locativo (elidido ou não - 53% e 63%, respectivamente) e com complementos direto e indireto (também, elidido ou não - 57% e 59%, respectivamente) o objeto nulo é a variante preferida. Resumindo podemos afirmar que:

- o comportamento do pronome tônico é interessante; aparentemente, seu uso é mais fortemente implementado em estruturas complexas (estruturas com SC):
- em estruturas complexas o preenchimento, pelo pronome e por SNs, é de 82% dos casos. Isto se deve talvez ao fato de, nestas estruturas que são conhecidas como Marcação Excepcional de Caso, o papel temático não ser atribuído pelo verbo, como acontece nos casos de Marcação Normal de Caso.
- a proporção de SNs mantém-se a mesma em todas as estruturas com exceção da estrutura com SC e da estrutura com locativo;
- em estrutura simples o uso do objeto nulo é igual ao do pronome e de SNs juntos, isto é, o preenchimento se iguala ao esvaziamento da posição de objeto,
- estruturas com dois complementos sendo o segundo elidido ou não favorecem o uso do objeto nulo.



Este grupo de fatores mais o traço semântico do antecedente se mostraram os mais influentes na escolha das variantes do objeto direto anafórico. Passemos ao tabela do cruzamento destes dois grupos de fatores.

(79)

		ob.nulo		pronome		SNs		TOTAL
	[±animado]	ocor.	%	ocor.	%	ocor.	%	ocor.
est.simples	[+animado]	87	48	53	29	43	23	183
	[-animado]	147	53	6	2	123	44	275
est.c/SC	[+animado]	2	9	14	64	6	27	22
	[-animado]	2	60	0	0	2	40	5
est.c/comp.d./i.	[+animado]	10	45	6	27	6	27	22
	[-animado]	35	65	0	0	19	35	54
est.c/comp.i. el.	[+animado]	17	47	10	28	9	25	36
	[-animado]	42	62	0	0	26	38	68
est.c/locativo	[+animado]	20	41	20	41	9	18	49
	[-animado]	60	76	0	0	19	24	79
est.c/loc.elidido	[+animado]	21	58	7	19	8	22	36
	[-animado]	13	46	0	0	15	54	28
TOTAL	[+animado]	157	45	110	32	81	23	348
	[-animado]	30	59	6	1	203	40	509
	TOTAL	457	53	116	14	284	33	857

Tabela 22.

Distribuição das variantes conforme estrutura e animacidade.

Os resultados apontam para um fenômeno interessante: considerando que o traço [+animado] condiciona o uso do pronome tônico, é nas estruturas com SC (64%) e em estrutura com locativo (41%) que esta variante é mais usada. Partindo-se do princípio de que estrutura com locativo pode ser considerada uma SC, passa a existir uma certa lógica no funcionamento: o pronome tônico passaria a exercer não só o papel de objeto mas também o de sujeito da SC, conforme Duarte (1986). Os 6 únicos dados de pronome tônico com antecedente [-animado] ocorrem em estruturas simples.

Estrutura com locativo influencia no uso do objeto nulo com traço [-animado], e estrutura com locativo elidido favorece o uso do objeto nulo com traço [+animado]. SNs ocorrem mais em estruturas com locativo elidido (54%) e estrutura simples (44%) com antecedente [-animado]. Neste contexto, o [-animado], tanto SNs (44%) quanto objeto nulo (53%) são estratégias privilegiadas em estruturas simples com antecedente [-animado] concorrendo com o pronome tônico que é mais usado em estruturas complexas com antecedente [+animado].

Olhando-se por um outro prisma, observamos que em estrutura simples com traço [+animado] o preenchimento pelo pronome tônico e por SNs iguala-se ao não-preenchimento, isto é, ao objeto nulo. O mesmo acontece em estrutura com complemento direto e indireto, e estrutura com complemento indireto elidido.

#### 5.4 Paralelismo formal.

Ao controlarmos este grupo de fatores observamos um limite de cinco orações entre as variantes. Também usamos, como critério de análise, a indiferenciação de antecedentes, em outras palavras, o encadeamento de uso das variantes não depende de pertencer ao mesmo antecedente. Confira os dados do *corpus*:

- ocorrência isolada da variante

(80) I: — Eu fui umas três, quatro vezes no carnaval, aí depois conheci esse que é meu marido atualmente.

E. — E com quantos anos?

I: — Com quinze anos eu *conheci ele*. (52/20) (1 ocorrência)

I: — Aí, quando foi o aniversário da minha irmã, de 15 anos, que ela fez uma festa pra ela [aí]- aí a gente *convidou ele*. (64/20) (1 ocorrência)

- precedida de mesma variante

(81) — Aí a primeira vacina da Rafaela, eu *levei ela* no Hospital Infantil, aí chegou lá resolvi ligar pra ele, pra ele *conhecer ela*. (112/20) (2 ocorrências)

- precedida de variante diferente

(82) — Aí nesse meio tempo [a gente não] - a gente sempre se encontrava, só que ele nunca admitiu que gostava de mim, eu gostava muito dele, mas ele nunca admitiu *0*. (74/20) (1 ocorrência)

— Mas a gente saindo, a gente teve [u ma vida]- um relacionamento mais íntimo, talvez eu *trouxesse ele* mais pra perto de mim, né? (78/20) (1 ocorrência)

As ocorrências dos dados para a análise do paralelismo têm a seguinte distribuição:

(83)

	ob.nulo	%	p.r.	pron.	%	p.r.	SNs	%	p.r.	TOTAL
oc.isolada	253	53	.33	69	14	.34	157	33	.32	479
prec.mesma var.	123	63	.41	16	8	.28	56	29	.29	195
prec.var. dif.	81	44	.25	31	17	.37	71	39	.37	183
<b>TOTAL</b>	<b>457</b>	<b>53</b>		<b>116</b>	<b>14</b>		<b>284</b>	<b>33</b>		<b>857</b>

Tabela 23.

Distribuição das variantes conforme o paralelismo formal.

O fator ocorrência isolada da variante detém o maior número de ocorrências, principalmente, de objeto nulo. Pelo fato de os percentuais dos resultados serem muito

próximos, no que se refere à variável isolada, somos levados a concluir que este fator “libera” as variantes para a atuação de outros fatores.

O objeto nulo é a variante mais freqüente quando a variante precedente é igual, podendo, assim, ocorrer em seqüência. Este fenômeno se dá, principalmente, se a variante for co-referente com SN [-animado], conforme cruzamento entre paralelismo formal e animacidade. Seqüências de pronome tônico são pouco freqüentes talvez por esta variante ser estigmatizada. O que observamos é que o pronome é mais usado quando precedido por variante diferente. O mesmo acontece com SNs. Isto indica que quando temos este fator o preenchimento concorre com o apagamento. É mais provável, então, o preenchimento quebrar uma seqüência de vazios do que vice-versa.

## **6 Objeto direto anafórico de 3ª pessoa sob o ponto de vista social**

O desaparecimento do pronome clítico acusativo de 3ª pessoa e o uso crescente de outras estratégias para a representação do objeto tais como: pronome tônico quando o antecedente apresenta traço [+animado] e objeto nulo quando o antecedente é [-animado], foi observado em estudos recentes: Duarte (1986), Galves (1990), Cyrino (1994). Isto caracteriza uma mudança no sistema de clíticos no PB. Nesta seção analisaremos alguns fatores sociais que podem exercer influência no uso destas variantes. Controlaremos os 857 dados de nosso contexto de variação segundo os fatores: escolaridade, faixa etária e sexo.

### **6.1 Escolaridade**

O grau de escolaridade parece ter relevância na escolha das variantes. Partimos do pressuposto de que falantes com nível de estudo elevado usariam mais objeto nulo, enquanto que o pronome tônico teria seu uso privilegiado por informantes de baixo nível escolar.

Observando o gráfico 1, teremos uma idéia mais ampla do que está acontecendo em relação a este grupo de fatores na fala açoriana de Florianópolis.

(84)

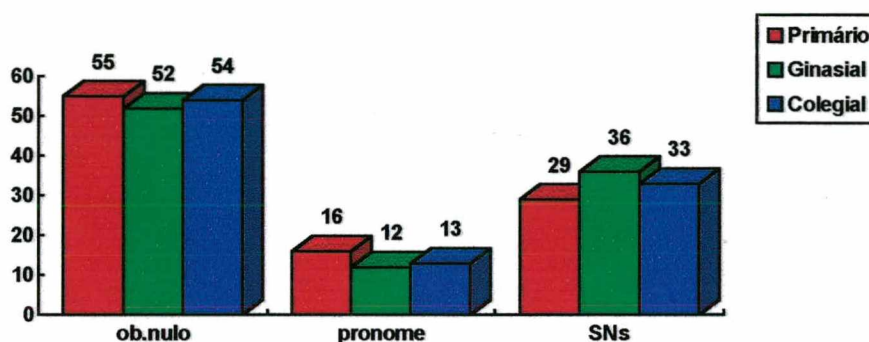


Gráfico 1.

Uso das variantes de acordo com o nível de escolaridade.

Apesar de as nossas hipóteses não se confirmarem, podemos dizer que há uma tênue tendência ao uso do pronome tônico por parte de informantes com o primário.

O objeto nulo teve, tanto quanto as outras variantes, seu uso equilibrado nos três níveis, contrariando o esperado.

Quanto à variante SN pleno, notamos que falantes com curso ginásial e colegial privilegiam esta estratégia, talvez influenciados pelas regras da gramática tradicional aprendidas na escola.

## 6.2 Sexo

Este fator leva a um impasse: por um lado podemos supor que a mulher seria mais conservadora que o homem devido a estrutura familiar tradicional que encontramos nas comunidades de descendência açoriana da cidade de Florianópolis. Por outro lado, por causa do machismo o homem estaria mais arraigado às tradições do que a mulher, não dado a inovações, no caso o objeto nulo e o pronome tônico. Vejamos, então, qual o comportamento apresentado por este grupo de fatores no gráfico 2:

(85)

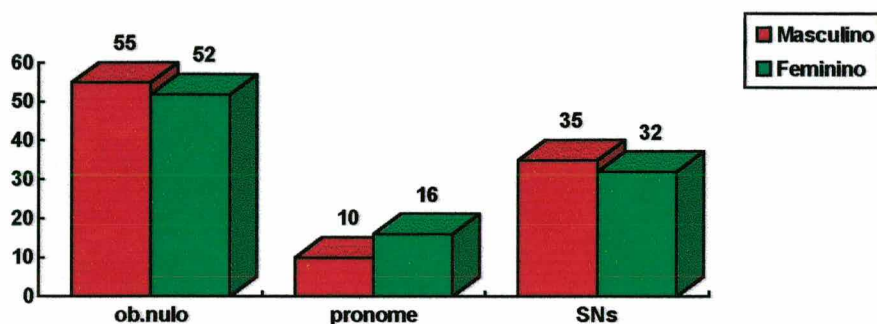


Gráfico 2.

Uso das variantes quanto ao sexo.

Embora os resultados apontem para uma tênue diferenciação entre o uso das variantes pelos dois sexos, notamos que, quanto ao uso do pronome tônico, a mulher é um pouco mais inovadora do que o homem. Quanto a outras variantes - objeto nulo e SNs - há um certo equilíbrio no uso, mostrando que este grupo de fatores pouca influência tem na escolha das variantes.

### 6.3 Faixa etária

Temos os níveis de idade: de 25 a 49 anos e com mais de 50 anos. O que previmos, de início, foi um acentuado uso de pronome tônico por parte dos informantes mais jovens contra uma maior ocorrência de objeto nulo e SNs por parte dos mais velhos. O resultado pode ser visto no gráfico 3:

(86)

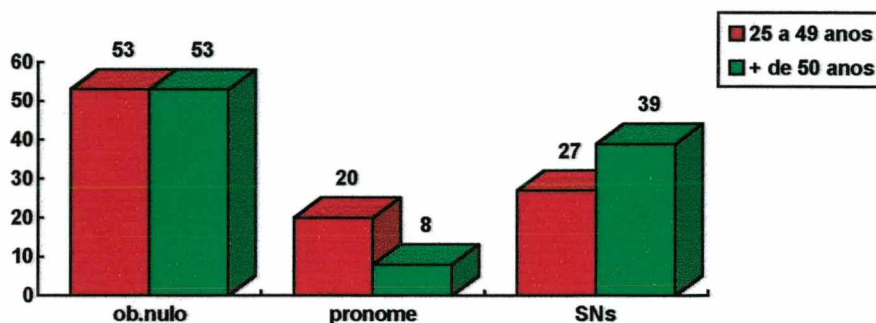


Gráfico 3.

Uso das variantes conforme a faixa etária.

Conforme o gráfico 3, observamos que, quanto ao preenchimento da posição de objeto direto anafórico, informantes mais jovens privilegiam o uso do pronome tônico, enquanto que informantes com mais de 50 anos dão preferência ao SN. Este resultado foi também obtido por Duarte (1986). Quanto ao objeto nulo constatamos que existe equilíbrio no uso desta variante, pois a percentagem obtida pelas duas faixas etárias é a mesma - 53%.

Vejamos, na tabela 24, a distribuição das variantes segundo escolaridade e idade, os dois fatores que se mostraram mais importantes nesta análise:

(87)

		objeto nulo		pronome		SNs		TOTAL
faixa etária	nível escolar	ocor.	%	ocor.	%	ocor.	%	ocor.
25 a 49 anos	primário	71	53	29	21	35	26	135
	ginasial	78	57	20	15	38	28	136
	colegial	61	50	29	24	32	26	122
+ de 50 anos	primário	78	57	14	10	45	33	137
	ginasial	97	48	20	10	85	42	202
	colegial	72	58	4	3	49	39	125
TOTAL	primário	149	55	43	16	80	29	272
	ginasial	175	52	40	12	123	36	338
	colegial	133	54	33	13	81	33	247
	Total	457	53	116	14	284	33	857

Tabela 24.

Distribuição das variantes conforme idade e escolaridade.

Ao confrontarmos estes dois fatores, percebemos que idade é mais condicionante que escolaridade. Há uma certa resistência ao uso do pronome tônico por parte de informantes com mais de 50 anos. Temos 19% dos dados (78 casos) produzidos por informantes de 25 a 49 anos, e somente 8% (38 casos) por informantes com mais de 50 anos. Esta diferença torna-se maior quando comparamos estes dois grupos de idade ambos com colegial: os mais jovens detêm 24% dos dados e os mais velhos 3%. Este resultado mostra que o processo de mudança está relacionado mais à idade do que à escolaridade. Para reforçarmos esta afirmação contamos ainda com o fato de que 26% dos casos de SNs foram produzidos por jovens, enquanto que informantes mais velhos deteram 36% dos dados. Podemos dizer que este resultado é quase complementar ao uso do pronome tônico e contrário ao do objeto nulo.

A partir dos resultados obtidos concluímos que o fator idade é mais forte do que escolaridade quanto ao uso do pronome tônico. Excetuando este fato, os outros fatores condicionadores não se mostraram muito relevantes. Isto não constitui um problema, só nos mostra que os dados retirados deste *corpus* apresentam um certo equilíbrio quanto à



escolha das variantes do objeto direto anafórico. Mas observamos nitidamente as tendências que há no uso de uma ou de outra variante:

- o uso do objeto nulo é semelhante em todos os grupos de fatores;
- o pronome tônico é preferido por falantes jovens ou informantes com baixo nível escolar,
- informantes com mais de 50 anos privilegiam o uso de SNs no preenchimento da posição de objeto direto anafórico, ao invés do pronome tônico.

O nosso próximo passo será analisarmos fatores lingüísticos e sociais que de uma ou de outra maneira colaboraram para a realização das variantes em estudo.

#### 6.4 Cruzamento dos fatores mais relevantes.

O fator lingüístico que se mostrou mais importante para nossa pesquisa foi o traço semântico do antecedente. Começaremos esta subseção submetendo as variantes do objeto direto anafórico aos fatores escolaridade e animacidade. Confira os resultados:

(88)

escolaridade	[±animado]	objeto nulo		pronome		SNs		TOTAL
		ocor.	%	ocor.	%	ocor.	%	ocor.
primário	[+animado]	52	46	42	37	19	17	113
	[-animado]	97	61	1	1	61	38	159
ginasial	[+animado]	65	44	37	25	47	32	149
	[-animado]	110	58	3	2	76	40	189
colegial	[+animado]	40	47	31	36	15	17	86
	[-animado]	93	58	2	1	66	41	161
TOTAL	[+animado]	157	45	110	32	81	23	348
	[-animado]	300	59	6	1	203	40	509
	TOTAL	457	53	116	14	284	33	857

Tabela 25.

Distribuição das variantes conforme animacidade e escolaridade.

Em ambiente [-animado] o uso de SNs é equilibrado para os três fatores da escolaridade, revelando que este ambiente não é sensível à atuação da escola. Os resultados percentuais da variante objeto nulo também se mantêm iguais como os de SNs.

Objeto nulo com traço [+animado] tem seu uso contrabalançado entre os níveis escolares propostos. Como vimos o fator escolaridade não exerce influencia na uso desta variante.

O pronome tônico em ambiente [+animado] apresenta mesmo comportamento no primário (37%) e no colegial (36%) e menor frequência no ginásio (25%). Este resultado é estranho, pois o esperado seria quanto maior a escolaridade menor o uso de pronome tônico. Algo semelhante ocorre com os dados de SNs. Quando o antecedente é [+animado], há um acréscimo do uso desta variante (32%) por parte informantes com nível ginásial, enquanto que nos outros dois níveis a frequência é a mesma (17% em ambos). O esperado seria que quanto maior o nível escolar, maior o uso de SNs.

Como vimos na tabela 22, a faixa etária é mais forte que escolaridade. Faremos, assim, o cruzamento entre idade e animacidade. Confira resultados na tabela abaixo:

(89)

f. etária	[±animado]	objeto nulo		pronome		SNs		TOTAL
		ocor.	%	ocor.	%	ocor.	%	ocor.
25 a 50 anos	[+animado]	85	45	72	38	34	18	191
	[-animado]	125	62	6	3	71	35	202
+ de 50 anos	[+animado]	72	46	38	24	47	30	157
	[-animado]	175	57	0	0	132	43	307
TOTAL	[+animado]	157	45	110	32	81	23	348
	[-animado]	300	59	6	1	203	40	509
	Total	457	53	116	14	284	33	857

Tabela 26.

Distribuição das variantes de acordo com animacidade e idade.

Como podemos observar, os mais jovens além de privilegiarem o uso do pronome tônico inovam quando retomam antecedentes [-animado] (6 casos). Observamos que

informantes com mais idade usam menos o pronome tônico (14% de diferença), em ambiente [+animado]. Notamos, ainda, neste mesmo contexto que o percentual de objeto nulo não sobe, e sim o de SNs. Isso mostra que a sensibilidade à norma atua no sentido de que nem o pronome tônico e nem o objeto nulo - duas estratégias inovadoras - são aceitas para o uso. Uma vez que o pronome clítico não está mais disponível no sistema do PB, a solução, então, é recorrer ao uso de SNs.

## 7 Considerações sobre este capítulo

A análise do *corpus* quanto aos condicionamentos lingüísticos e sociais na realização da variável estudada permite chegar às seguintes considerações:

- **objeto direto anafórico tipo II**

Há uma certa tendência de o objeto genérico anafórico ser representado por SNs (54% dos casos). Observamos que o fator animacidade não interfere para a realização das variantes em pauta e que quanto à morfologia verbal, locuções infinitivas favorecem o uso de SN, no restante, ambas as variantes apresentam comportamento semelhante. Vimos, ainda, que estrutura com verbo bitransitivo circunstancial influencia o uso de objeto nulo, estrutura com verbo bitransitivo favorece o uso de SNs, e estrutura com verbo transitivo não tem força para favorecer nenhuma das variantes. Em se tratando de discursividade, as estratégias deste tipo de objeto têm mesmo comportamento apresentado pelo objeto direto anafórico tipo I, isto é, é mais freqüente SN quebrar uma sequência de objetos nulos do que vice-versa.

- **objeto direto anafórico tipo I**

1. quanto ao uso do *pronome clítico acusativo de 3ª pessoa*, obtivemos apenas 13 casos, isto é, 1% do total de dados. Esta constatação mostra que esta estratégia está em franco desaparecimento. Destes dados, 12 foram licenciados por verbos no infinitivo ou locuções infinitivas, um dos últimos

ambientes em que o clítico parece sobreviver no PB. Outro fator a ressaltar é que quase na totalidade destes casos o clítico apresentou traço [+animado]. Estes resultados reforçam estudos apontados no capítulo II.

2. o *objeto nulo* é, sem sombra de dúvidas, a estratégia preferida com 56% das ocorrências. O traço [-animado] do antecedente condiciona o uso desta variante em todos os tipos de estrutura. Em ambiente [+animado] o uso do apagamento é favorecido em estruturas com complemento locativo elidido. Veja um exemplo:

- (90) — Aí num sábado. Aí [nós pedimos]- eu mandei [um]- um bilhete que o Doutor Espíndola [mora aqui]- mora aqui em cima, aí eu mandei um bilhete pra ele, pedimos se ele queria vir dar uma olhadinha na mãe, porque ele gostava muito da minha irmã, né? Aí ele foi lá pra olhar ela assim, daí ele disse que era bom levarmos ela pro hospital, ainda foi o filho dele que *levou* *0*. (1210/13)

Quando a estrutura é simples e o antecedente apresenta traço [+animado], o uso do objeto nulo (51%) se iguala ao do pronome tônico e de SNs juntos (36% e 13%). Quanto à morfologia verbal, o gerúndio exerce uma influência negativa para o uso do objeto nulo. Observamos, ainda, que nos contextos em que o pronome tônico não ocorre, como em ambiente com o antecedente igual a uma sentença, o objeto nulo predomina, e quando temos antecedente [+definido] (no caso dos 170 dados), prevalece o uso de SNs. O fator discursivo em relação ao objeto nulo mostrou que seqüências de objeto nulos são freqüentes, diferentemente das outras variantes.

3. podemos definir o comportamento do *pronome tônico*, quanto à animacidade, à referencialidade e ao traço de definitude do antecedente, como sendo [+animado], [-genérico] e que retomam preferencialmente SNs mais definidos. Ao observarmos a morfologia verbal constatamos que verbos infinitivos inibem o uso de pronome tônico. Sabemos que este é o

último ambiente em que clíticos ainda sobrevivem no PB. Talvez isso aconteça por influência da educação normativa ensinada na escola, uma vez que o pronome tônico é uma variante não aceita pela gramática tradicional.

Ainda, analisando este grupo de fatores, notamos que o gerúndio favorece o uso do pronome tônico. Pronome com traço [-animado] ocorreu somente licenciado por verbo transitivo e em estrutura simples. Em ambiente [+animado] o tipo de verbo não tem nenhuma influência no uso do pronome. Nas estruturas com SC, há uma tendência ao preenchimento, especialmente, pelo pronome, talvez pelo papel temático não ser atribuído pelo verbo (veja seção 5.3 deste capítulo). Ainda quanto à estrutura, percebemos que em segundo lugar o maior número de ocorrências de pronome tônico se dá em estrutura com locativo que pode ser considerada uma SC. Analisando o grupo de fatores paralelismo formal percebemos que o pronome é mais usado quando precedido por variante diferente, assim, sequência de pronome é pouco freqüente, o que poderia mostrar uma pressão normativa.

4. o uso de *SNs plenos* equipara-se ao do objeto nulo em vários contextos. como por exemplo em ambiente [-animado]. Estas duas estratégias são favorecidas pelo traço [-animado] na medida em que o pronome tônico apresenta peso relativo muito baixo (ver tabela 11). Em sentenças com verbo no infinitivo, SN e objeto nulo se igualam. O uso de SNs é alto ao retomar um antecedente [+definido]. Levando-se em conta o fator discursivo, observamos que SNs ocorrem mais quando precedidos de variante diferente. O mesmo ocorre com o pronome. Assim, o preenchimento concorre com o apagamento. A tendência é de que o preenchimento por pronome tônico ou por SNs quebre seqüências de objetos nulos.
5. os resultados da análise de fatores extra-lingüísticos demonstra que a faixa etária é mais forte que escolaridade. Quanto mais idade tiver o informante menor será o uso de pronome tônico, principalmente, se este fator estiver aliado ao nível colegial: nestes casos temos uma diferença de 21% em

relação aos mais jovens. Desta maneira o processo de mudança está mais relacionado à idade do que à escolaridade.

SN com traço [-animado] detém o mesmo percentual de uso nos três níveis escolares, não havendo, neste caso, influência da escola. O uso de objeto nulo é também igual no primário, no ginásio e no colégio, tanto em contexto [-animado] quanto em [+animado].

Quanto ao uso do pronome tônico, observamos que esta estratégia detém menor número de ocorrências no nível ginásial e nos demais níveis o número de casos é igual. Este resultado contraria o esperado: quanto mais alto o nível de escolaridade menor o uso de pronome tônico. SN com traço [+animado] apresenta comportamento similar ao do pronome: informantes com nível ginásial privilegiam o uso desta variante.

Outro fato a ser ressaltado é que em contexto [+animado] o índice de pronome cai, mas o de objeto nulo não sobe. Este resultado está relacionado ao caráter inovador destas duas variantes, em relação ao clítico, que está praticamente em desuso. É, então, a variante neutra - o SN - que ocorre neste ambiente.

Talvez obtivéssemos resultados mais compensadores se o *corpus* utilizado incluísse outros fatores sociais como: informantes com nível superior ou mesmo analfabetos, informantes com menos de 25 anos, dados extraídos de programas de TV, etc... Deve ser muito interessante incluir dados de falantes de povoados pesqueiros do sul da ilha (Armação e Pântano do Sul, Ribeirão da Ilha) e até mesmo do continente ao Sul na Grande Florianópolis (Enseada de Brito, Praia do Sonho, Praia da Pinheira). Nestas localidades parece haver um maior conservadorismo, no que tange o uso da língua, principalmente nas três últimas, devido, por certo, ao relativo isolamento em que vivem. Mas nesta dissertação não colocaremos nada disto em prática. Estas idéias ficam aqui como sugestões para estudos vindouros.

## CONCLUSÃO

Esta pesquisa, restrita a um só aspecto sintático - o objeto direto anafórico - procurou avaliar a hipótese de que o falar açoriano de Florianópolis serviria de elo entre o português do Brasil e o português de Portugal. Neste estudo sociolinguístico, controlamos as formas pelas quais este objeto é representado na fala e buscamos também um quadro teórico que explicasse estas variantes.

Nossa hipótese de que o português açoriano de Florianópolis serviria de elo entre o PB e o PE não se confirmou. De acordo com os resultados obtidos somos levados a afirmar que este falar segue a tendência de outros falares do Brasil, isto é, o pronome clítico acusativo de 3ª pessoa está desaparecendo: de 1.282 dados obtivemos somente 13 ocorrências desta variante. A queda do pronome clítico oportuniza ocorrências de outras variantes - objeto nulo, pronome tônico ou retomada por SN. Observamos que a variante mais utilizada no total dos dados é o objeto nulo (54%), seguida de SNs (36%), do pronome tônico (9%), pronome clítico acusativo (1%).

Os condicionamentos lingüísticos revelam que o uso do objeto nulo é privilegiado quando seu antecedente apresenta traço [-animado], independente do tipo de estrutura em que se encontre. SN é a segunda estratégia mais usada. Em alguns casos, equipara-se ao objeto nulo e detém maior número de ocorrências quando apresenta traço [-animado].

O pronome tônico, por sua vez, é altamente favorecido quando o referente é [+animado] e [-genérico], sendo o SN antecedente [+definido]. Ocorre principalmente em estruturas complexas, isto é, estruturas com SC, com verbo causativo e com locativo. O pronome tônico apresenta um comportamento contrário ao do uso do clítico: enquanto que o último ambiente que favorece ocorrências de clítico é aquele em que ocorre verbo infinitivo, o uso do pronome tônico é inibido neste contexto. Talvez este fenômeno esteja relacionado à educação normativa. Quanto ao clítico, como já mencionamos, esta variante apresenta traço [+animado}, como era esperado, e dos 13 casos, 11 foram licenciados por verbos infinitivos.

O fato de o clítico estar desaparecendo e dando lugar ao objeto nulo quando o antecedente é [-animado] e ao pronome quando o antecedente é [+animado] já era

esperado, conforme estudos apresentados no capítulo II. Mas qual estatuto teria o objeto nulo dentro do quadro das categorias vazias? E o que possibilitaria a ocorrência do pronome tônico em posição de objeto?

Segundo os resultados obtidos somos levados a concordar com a proposta de Cyrino (1994), uma vez que a maioria dos casos de objeto nulo apresenta antecedente [-animado]. A autora propõe que o objeto nulo seja considerado um elemento pronominal. O objeto nulo teria se desenvolvido através de uma reanálise do vazio deixado pela elipse sentencial. Uma vez que o antecedente do clítico sentencial é [-animado] e há opcionalidade deste tipo de elipse, o clítico acusativo com antecedente [-animado] poderia ter sido interpretado como tendo a opção de ser nulo. O objeto nulo seria, então, um *pro* licenciado por um clítico nulo de 3ª pessoa. Clítico acusativo com traço [+animado] daria lugar ao pronome tônico.

Quanto ao pronome tônico, Galves (1993) explica como é legitimada a ocorrência desta variante em posição de objeto. Devido a uma reorganização lexical do sistema de pronomes, os pronomes tônicos não seriam morfologicamente marcados por caso, possibilitando a esta variante uma certa mobilidade. Mas esta proposta não se enquadra na questão do português de influência açoriana falado em Florianópolis, pois este falar mantém o *tu*, isto é, mantém uma distinção de três pessoas, conforme estudos apresentados no capítulo I. A proposta de Galves (1993) está centrada em um sistema pronominal que não tem o *tu*. Assim, outra proposta deveria ser formulada para este caso em particular.

O comportamento das variantes em relação ao fator discursivo - paralelismo formal - mostrou que este grupo de fatores tem alguma relevância para nosso estudo. A tendência do pronome clítico é ocorrer isoladamente ou precedido de variante diferente. Isto quer dizer que seqüências desta variante são raras na fala. O pronome tônico com traço [+animado] é mais usado quando a variante que o antecede é diferente ou está em ocorrência isolada. À semelhança do clítico, não ocorre em seqüência. Talvez, por este ser considerado pedante e o pronome tônico ser estigmatizado pela gramática tradicional. O objeto nulo, ao contrário, pode ocorrer em seqüência, pois é mais freqüente precedido de



mesma variante, aparecendo também como variante isolada. SNs, sob este aspecto, equiparam-se ao pronome tônico, sendo mais freqüente seguindo variante diferente.

Podemos dizer, então, que quando a variante antecedente é diferente, o preenchimento concorre com o apagamento, sendo que é mais provável o preenchimento quebrar uma sequência de apagamentos do que o contrário. Quanto à possibilidade de sequências de objeto nulo, encontramos dois estudos que podem colaborar para o entendimento deste resultado: o primeiro de Poplack (1979), sobre a concordância do espanhol porto-riquenho na Filadélfia, propõe que “in that a preceding zero favored a following, zero, and a preceding /s/ favored a following /s/”, isto é, “marcas levam a marcas, zeros levam a zeros.” (Poplack, 1979,80,81 Apud. Labov 1994 p.566); e o segundo de Labov (1994), que sugere que a escolha das variantes são determinadas por condicionamento fonético mecânico e simples repetição da estrutura precedente. Embora estas duas propostas sejam a níveis fonológico e morfológico, constatamos que algo paralelo acontece a nível sintático. Ressaltamos, mais uma vez, que a semelhança existente entre as propostas de Poplack e Labov e os resultados obtidos neste trabalho se enquadram somente quando temos ocorrências de objeto nulo. Em analogia ao trabalho de Poplack, podemos dizer que sob este aspecto sintático, no PB, marcas não levam a marcas, mas zeros levam a zeros.

Quanto aos fatores extra-lingüísticos considerados nesta análise: escolaridade, sexo e faixa etária, observamos que há alguma influência mas não parece ser decisiva. O uso do pronome tônico foi o mais afetado por este grupo de fatores: informantes mais jovens e informantes com menor nível escolar privilegiaram esta estratégia, apontando, talvez, para uma mudança lingüística.

O fator faixa etária, segundo nossos resultados, é mais forte do que escolaridade. Informantes com mais idade e maior nível escolar rejeitam o uso do pronome tônico. O uso de SNs, por parte de informantes com mais de 50 anos, é maior do que o uso do pronome tônico e do objeto nulo, indicando que estas duas variantes inovadoras não são aceitas pela norma e, na falta do clítico, o uso de SNs é a solução.

Os 170 dados de objeto direto anafórico que retomam antecedente [+genérico] e sentença obtiveram o seguinte resultado: a estratégia objeto nulo retoma sentença,

principalmente, enquanto que antecedentes com traço [+definido] são preferencialmente retomados por SNs. Estes dados apresentam antecedentes [-animado], o que vai ao encontro à proposta de Cyrino (1994) sobre o clítico sentencial.

Controlamos ainda o objeto direto que, em sua retomada, não aceita ser substituído por todas as variantes - o objeto genérico anafórico. Estes dados se diferenciam dos 170, mencionados acima, pelo fato de retomarem somente SNs, sendo que os antecedentes não apresentam determinantes. Dentre os 240 dados deste tipo de objeto percebemos que o apagamento desta posição pode se dar através de duas maneiras distintas:

- a primeira por elipse de VP. Para a realização de elipse de VP é necessário - identidade verbal e a presença de advérbios. Parece só poder ser representada pelo objeto nulo e por SNs,
- a segunda pelo objeto nulo. Independe de identidade verbal e de advérbios para sua existência. Pode, por um processo discursivo, ser representado por pronomes clítico ou tônico, além de objeto nulo e SNs.

O ponto em comum destas duas espécies de objeto direto anafórico é o fato de ambos apresentarem antecedente com traço [+genérico] e serem sem determinante.

Fizemos a análise destes 240 dados e percebemos que a variante SN é um pouco mais usada que o objeto nulo. O fator animacidade é neutro na realização de ambas as variantes. Quanto ao tipo de verbo, o bitransitivo circunstancial favorece o uso de objeto nulo e bitransitivo o uso de SNs.

Os resultados desta pesquisa mostram que o falar açoriano de Florianópolis está, quanto à realização do objeto direto anafórico, se igualando a outros falares do país. Apesar disto, sob outros pontos de vista lingüísticos como o fonético, por exemplo, a influência açoriana continua marcante. Se em alguns aspectos do sistema lingüístico a influência do falar açoriano ainda é muito forte, por que quanto ao objeto direto anafórico não? Será que quanto a outros aspectos sintáticos o português açoriano de Florianópolis não estaria servindo de elo entre o PE e o PB? Um exemplo seria o caso do sujeito nulo, uma vez que temos a presença da 2ª pessoa com sua respectiva flexão verbal, caso raro no PB. Deixamos, aqui, esta sugestão para próximos trabalhos sobre este falar.

**BIBLIOGRAFIA**

BRESCANCINI, C.R. - **A palatalização da fricativa alveolar não-morfêmica em posição de coda no português falado em três regiões de influência açoriana do município de Florianópolis - uma abordagem não-linear.** Dissertação de mestrado. UFSC. Florianópolis, 1996.

BOLÉO, M.P. - **Filologia e História: a emigração açoriana para o Brasil** - Ed. Coimbra. Coimbra, 1945.

\_\_\_\_\_ - **O Congresso de Florianópolis, comemorativo do bicentenário da colonização açoriana.** Brasília. Coimbra. Faculdade de Letras, 1950.

\_\_\_\_\_ - **Estudos de Lingüística Portuguesa e Românica, dialetologia e história da língua.** Universidade de Coimbra. Coimbra, 1974

CAMPOS, H. - "Indefinit Object Drop" - In: *Linguistics Inquiry*, 17:354-359, 1986.

CHOMSKY, N. - **Lectures on Government and Binding** - Foris, Dordrecht, 1981.

\_\_\_\_\_ - **Some Concepts and Consequences of the Theory of Government and Binding.** The MIT Press, Cambridge. Massachusetts, 1982.

\_\_\_\_\_ - **Barriers.** The MIT Press, Cambridge. Massachusetts, 1986.

\_\_\_\_\_ - **Knowledge of Language: Its Nature, Origin and Use.** Praeger. New York, 1986.

COLE, P. - "Null Objects in Universal Grammar" - In: *Linguistics Inquiry*, 18: 597-612, 1987.

CYRINO, S.M.L. - "O Objeto Nulo no Português do Brasil: Uma mudança paramétrica?"  
- UNICAMP. ms. Campinas, 1990.

\_\_\_\_\_ - **O objeto nulo no português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico.** - Tese de doutorado. UNICAMP. Campinas, 1994.

DIAS, J. F.V. - **A concordância de número nos predicativos e nos participios passivos na fala da região sul: Um estudo variacionista.** Dissertação de mestrado. UFSC. Florianópolis, 1996.

DUARTE, M.E.L. - **Variação e Sintaxe: Clítico Acusativo, Pronome Lexical e Categoria Vazia no Português do Brasil.** - Dissertação de mestrado. PUCSP, 1986.

\_\_\_\_\_ - "A perda da ordem V(erbo) S(ujeito) em interrogativas QU no português do Brasil" - In: D.E.L.T.A. 8:37-52, 1992.

DU BOIS, J.W. - "Beyond Definiteness: The Trace of Identity in Discourse"- In: W.L. CHAFE (ed.), *The Pear Stories: Cognitive, Cultural and Linguistic Aspects of Narrative Production* Norwood: Ablex, 1980.

FAGUNDES, E.D. - "Alguns problemas na identificação do referente em casos de ausência de preenchimento do pronome objeto." In: *Fragmenta*, Ed. da UFPR. Curitiba, nº 13, 1996.

FURLAN, O. A. - **Influência açoriana no português do Brasil em Santa Catarina.** Ed. da UFSC. Florianópolis, 1989.

GALVES, C. - "Pronomes e Categorias Vazias em Português do Brasil" - In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, v. 7. 1984.

- \_\_\_\_\_ - "A Sintaxe do Português Brasileiro"- In: *Ensaios de Lingüística*, 13: 31-50, 1989.
- \_\_\_\_\_ - "O Objeto Nulo no Português Brasileiro: Percurso de uma pesquisa" In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 17: 65-90, 1989.
- \_\_\_\_\_ - "Objet Null et Structure de la Proposition en Portuguais Brésilien". In: *Revue des Langues Romanes*. 93: 305, 336. 1989.
- \_\_\_\_\_ - "O Enfraquecimento da Concordância no Português Brasileiro"- In: I. ROBERTS & M. KATO (orgs.) - **Português Brasileiro - uma viagem diacrônica**. Ed. da UNICAMP. Campinas, 1993.
- HUANG, C.T.J. - "On the Distribution and Reference of the Empty Categories"- In: *Linguistics Inquiry*, 15: 531-574, 1984.
- \_\_\_\_\_ - "Remarks on the Status of the Null Object"- In: R. FREIDIN (org.) - **Principles and Parameters in Comparative Grammar** - MITT Press. Cambridge, 1991.
- KATO, M. A. - "The Distribution of Pronouns and Null Elements in Object Position in Brazilian Portuguese" - In: W. ASHBY, M.M.G. PERISSINOTTO & E. RAPOSO (orgs.) - **Linguistic Perspectives on the Romance Languages** - John Benjamins. Amsterdam, 1991.
- \_\_\_\_\_ - "A Theory of Null Objects and the Development of a Brazilian Child Grammar" - trabalho apresentado no Congresso de Aquisição "Crossing Boundaries", Tubigen, Alemanha, 1991.
- \_\_\_\_\_ - "Recontando a História das Relativas em uma Perspectiva Paramétrica" - In: I. ROBERTS & M. KATO (orgs.) **Português Brasileiro - uma Viagem Diacrônica**, Ed. da UNICAMP, Campinas, 1993.

LABOV, W. - **Sociolinguistics Patterns**. University of Pennsylvania Press. Philadelphia, 1972.

\_\_\_\_\_ - "Building on Empirical Foundations." - In: W.P. LEHMANN & Y. MALKIEL (eds.) - **Perspectives on Historical Linguistics**. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company. v. 24. Current Issues In: Linguistics Theory, 1982.

\_\_\_\_\_ - **Principles of Linguistic Change - V.1 Internal Factors** - Blackwell Oxford UK & Cambridge. USA, 1994.

LIMA, R. **Análise acústica das vogais orais do português de Florianópolis - SC**. Dissertação de mestrado. UFSC. Florianópolis, 1991.

NAUMANN, I.M.L. - **Construções bitransitivas em português: forma e função**. Dissertação de mestrado, UFSC. Florianópolis, 1996.

NUNES, J. - "Direção de Cliticização, objeto nulo e pronome tônico na posição de objeto em português brasileiro" - In: I. ROBERTS & M. KATO (orgs.) - **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**. Ed. da UNICAMP. Campinas, 1993.

PAGOTTO, E.G. - **A posição dos Clíticos em Português: um estudo diacrônico**. Dissertação de mestrado. UNICAMP, 1992.

\_\_\_\_\_ - "Clíticos, mudança e seleção natural" - In: I. ROBERTS & M. KATO (orgs.) - **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**. Ed. da UNICAMP. Campinas, 1993.

POPLACK, S. "The notion of the plural in Puerto Rico Spanish: competing constraints on /s/ deletion". In: W. LABOV (Ed.). **Locating language in time and space** - University of Pennsylvania. Philadelphia, 1980.

- RAMOS, M.P.B. - **Formas de Tratamento no Falar de Florianópolis** - Dissertação de mestrado. UFSC. Florianópolis, 1989.
- RAPOSO, E. - "On the Null Object in European Portuguese." In: O. Jaeggli and C. Silva -Corvalan, *Studies in Romance Linguistics*, Dordrecht, Foris, 1986.
- RIZZI, L. - "Null Objects in Italian and the Theory of *pro*." In: *Linguistics Inquiry*, Vol.17, Number 3, Summer:501-557, 1986.
- ROBERTS, I. - "O Português Brasileiro no Contexto das Línguas Românicas"- In: I. ROBERTS & M. KATO (orgs.) - **Português Brasileiro: Uma Viagem Diacrônica**.. Ed. da UNICAMP. Campinas, 1993.
- SERPA, C.V. - **A gente dos Açores: identificação, emigração e religiosidade**. Prelo. Lisboa, 1978.
- TARALLO, F. & KATO, M.A. - "Harmonia Transistêmica: Variação Intra e Interlingüística" - Preedição 5. Campinas, 1989.
- TARALLO, F. - **Relativization strategies in Brazilian Portuguese**. Tese de Doutorado. Univ. of Pennsylvania. Philadelphia, 1983.
- \_\_\_\_\_ - "Por uma Sociolingüística Românica *Paramétrica*: Fonologia e Sintaxe. IEL - UNICAMP - Ensaio de Lingüística 13, Faculdade de Letras de UFMG. Belo Horizonte, 1987.